



***Observação, Análise e Interpretação do Jogo de Futebol.
Relatório de Estágio Profissionalizante realizado nos
Sub-15 do Leixões Sport Club na época desportiva
2016/17***

Relatório de Estágio Profissionalizante para
a obtenção do grau de Mestre em Treino de
Alto Rendimento, apresentado à Faculdade
de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor Daniel Barreira

Paulo Miguel Tavares da Silva

Porto, 2017

Ficha de Catalogação:

Silva, P.M.T. (2017). *Observação, análise e interpretação do Jogo de Futebol, na equipa Sub-15 do Leixões Sport Club*. Relatório de estágio profissionalizado para obtenção do grau de Mestre em treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: FUTEBOL, TREINO, JOGO, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Agradecimentos

Finalizar esta etapa, que tinha como objetivo a obtenção do Grau Mestre significa muito trabalho, aprendizagem, dedicação, mas também sacrifícios, superação de obstáculos e gratidão. Chegar aqui foi possível, graças ao apoio e compreensão daqueles que me são mais próximos. Refiro-me principalmente às pessoas que mais impacto tiveram na conclusão deste percurso da minha formação profissional. Não obstante, o meu agradecimento àqueles que não estando aqui referenciados, me influenciaram mesmo que de forma indireta.

Ao Professor Doutor Daniel Barreira pela sua disponibilidade e orientação ao longo do estágio e na elaboração deste relatório. O seu profissionalismo e os seus ensinamentos, encaminharam-me no sentido de evoluir e desenvolver os meus conhecimentos nesta área. Destaco também a motivação e incentivo nos momentos mais difíceis, quando desistir parecia ser o caminho mais fácil. Estarei para sempre grato.

Agradeço também aos Docentes da FADEUP, José Guilherme Oliveira e Júlio Garganta pelos bons exemplos, sugestões que diretamente ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento das minhas competências.

Ao meu supervisor de estágio Pedro Mesquita, por toda a partilha de conhecimento, ideias e experiências.

À Instituição Leixões Sport Club, em especial a todos os elementos da Equipa Técnica.

O meu agradecimento à Sofia, pelo companheirismo, amizade e ajuda, em todo este processo. Este trabalho dedico-o a ti em especial e ao nosso filho Frederico. Espero que não tenha sido em vão e que no futuro, possamos usufruir juntos os frutos desta especialização.

O meu muito obrigado aos meus pais, Joaquim Tavares e Ana Gracinda Tavares e meu irmão Joel Tavares por todos os ensinamentos, conselhos e o apoio incondicional.

Ao Nuno Vieira, pela sincera amizade, pelas longas horas de confidências e por todas as oportunidades que me proporcionou.

Aos amigos Gabriel Machado e Miguel Moita pela verdadeira amizade e cumplicidade.

A todos, pelo crescimento como profissional e pessoa, o meu sincero obrigado!

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice Geral.....	V
Índice de Figuras	VIII
Índice de Quadros	IX
Resumo	XI
Abstract	XIII
1 – Introdução	15
1.1. Expectativas sobre o Estágio Profissional	16
1.2. Objetivos	16
1.3. Estrutura do Relatório	17
2 – Enquadramento da Prática Profissional	19
2.1. Macrocontexto - Observação, Análise e Interpretação do Jogo de Futebol.....	19
2.1.1. O jogo de Futebol como um sistema complexo	19
2.1.2. Escalas	21
2.1.3. Que indicadores atender quando se observam comportamentos em Futebol?.....	24
2.1.3.1. Organização Ofensiva	25
2.1.3.2. Transição Defensiva	25
2.1.3.3. Organização Defensiva	25
2.1.3.4. Transição Ofensiva	26
2.1.4. Observação, Análise e Interpretação do comportamento em Futebol ...	26
2.1.5. Entendimentos acerca das tarefas de observação, análise e interpretação do jogo: <i>Scouting</i>	27
2.1.5.1. Evolução do <i>Scouting</i>	28
2.1.5.2. Importância do <i>Scouting</i>	30
2.1.6. Competências do Analista.....	31
2.2. Contexto legal	33
2.3. Contexto institucional	34
2.3.1. Instituição Leixões Sport Club: História	34
2.3.2. Estádio e Instalações	35
2.3.3. Cultura desportiva do Futebol de Formação	38
2.3.3.1. Objetivos de Formação.....	38
2.3.4. Histórico de classificações da equipa de Juniores C (Sub-15) do Leixões Sport Club, nas últimas duas épocas	40

2.3.5. Caracterização da equipa do Campeonato Nacional de Juniores (Sub-15) do Leixões Sport Club	43
2.3.5.1. Guarda – Redes	43
2.3.5.2. Laterais	44
2.3.5.3. Defesas	46
2.3.5.4. Médios	47
2.3.5.5. Avançados	49
3 – Realização da Prática Profissional	53
3.1. Modelo de Jogo	53
3.1.1. Princípios Gerais	53
3.1.2. Macro ciclo	55
3.1.3. Micro ciclo Padrão	56
3.1.4. Micro ciclo	59
3.1.4.1. Unidade de treino do Micro ciclo nº 12	60
4 – Estudo de Investigação	63
4.1. Introdução	63
4.2. Método	64
4.2.1. Questionário	64
4.2.2. Peritagem	65
4.2.3. Aplicação dos questionários	65
4.2.3.1. Participantes	65
4.3. Procedimentos	66
4.4. Análise estatística	66
4.5. Apresentação e discussão dos resultados	67
4.6. Conclusões.....	81
4.7. Referências	83
5 – Desenvolvimento profissional	89
6- Conclusões e perspectivas futuras	93
6.1. Conclusões.....	93
6.2. Perspetivas futuras	94
7- Referências	97

Índice de Figuras

Figura 1 – Escalas de 1 Equipa de Futebol (Barreira, 2017).....	23
Figura 2 – Ciclo do processo de análise do comportamento e as suas implicações (Barreira, 2017).....	31
Figura 3 – Planta do Estádio do Mar.....	36
Figura 4 – Complexo Desportivo Aldeia Nova.....	37
Figura 5 – Diferentes equipas que utilizam o Complexo Desportivo Aldeia Nova.....	37
Figura 6 – Campo dos “Lusitanos” de Santa Cruz do Bispo.....	37
Figura 7 – Objetivos da Formação do Leixões Sport Club.....	39
Figura 8 – Modelo de Jogo: estrutura 1x4x3x3.....	53
Figura 9 - Macro ciclo dos juniores C (Sub-15) do Leixões Sport Club.....	55
Figura 10 – Relatório de observação do jogo do Vitória S.C.....	57
Figura 11 – Relatório de observação do jogo do F.C. da Foz.....	58
Figura 12 – Exemplo de uma questão da parte 2 do questionário: grau de importância de uma categoria.....	65
Figura 13 - Respostas à questão “Quais os aspetos que considera mais relevantes na preparação do jogo seguinte?”.....	67
Figura 14 - Respostas à questão “Quais os aspetos que considera mais relevantes na preparação do jogo seguinte?”.....	68
Figura 15 - Respostas à questão “Relativamente aos dispositivos táticos, quais os aspetos que considera mais relevante para a preparação do jogo?”.....	69
Figura 16 - Respostas à questão “Considerando os jogadores utilizados pela equipa adversária, quais os aspetos que atende prioritariamente?”.....	71
Figura 17 – Respostas à questão “Quais as dinâmicas relativas ao momento de organização ofensiva que considera mais relevantes?”.....	72
Figura 18 - Respostas à questão “Na etapa de construção do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores?”.....	73
Figura 19 - Respostas à questão “Na etapa de criação do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores?”.....	74
Figura 20 - Respostas à questão “Na etapa de finalização do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores?”.....	75

Figura 21 - Respostas à questão “Quais os indicadores relativos ao momento de transição defensiva que considera mais relevantes? ”	76
Figura 22 - Respostas à questão “Quais os comportamentos relativos ao momento de organização defensiva que considera mais relevantes? ”	77
Figura 23 - Respostas à questão “Quais os indicadores relativos ao momento de transição ofensiva que considera mais relevantes? ”	78
Figura 24 - Respostas à questão “Nos esquemas táticos ofensivos, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”	79
Figura 25 - Respostas à questão “Nos esquemas táticos defensivos, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”	80
Figura 26 - Respostas à questão “No microciclo ilustrado na figura, refira qual o grau de importância que atribui à inclusão da dimensão análise do adversário... nas tarefas a propor aos jogadores/equipas em cada dia. ”	81

Índice de Quadros

Quadro 1 – Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) – 1ª Fase – Série B – 2015/2016.....	41
Quadro 2 - Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) – 2ª Fase - Manutenção Série B - 2015/2016.....	41
Quadro 3 – Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) – 1ª Fase – Série B – 2016/2017.....	42
Quadro 4 - Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) – 2ª Fase Norte - 2016/2017.....	42
Quadro 5 – Informação sobre jogador 1.....	43
Quadro 6 – Informação sobre jogador 2.....	43
Quadro 7 – Informação sobre jogador 3.....	44
Quadro 8 – Informação sobre jogador 4.....	44
Quadro 9 – Informação sobre jogador 5.....	45
Quadro 10 – Informação sobre jogador 6.....	45
Quadro 11 – Informação sobre jogador 7.....	45
Quadro 12 – Informação sobre jogador 8.....	46
Quadro 13 – Informação sobre jogador 9.....	46
Quadro 14 – Informação sobre jogador 10.....	47
Quadro 15 – Informação sobre jogador 11.....	47
Quadro 16 – Informação sobre jogador 12.....	47
Quadro 17 – Informação sobre jogador 13.....	48
Quadro 18 – Informação sobre jogador 14.....	48
Quadro 19 – Informação sobre jogador 15.....	49
Quadro 20 – Informação sobre jogador 16.....	49
Quadro 21 – Informação sobre jogador 17.....	49
Quadro 22 – Informação sobre jogador 18.....	50
Quadro 23 – Informação sobre jogador 19.....	50
Quadro 24 – Informação sobre jogador 20.....	51
Quadro 25 – Informação sobre jogador 21.....	51
Quadro 26 – Informação sobre jogador 22.....	51
Quadro 27 – Informação sobre jogador 23.....	52
Quadro 28 – Modelo de Jogo.....	54
Quadro 29 – Microciclo Padrão.....	57
Quadro 30 – Microciclo nº 12.....	60
Quadro 31 – Resumo das principais informações acerca dos peritos.....	66

Resumo

A Observação, Análise e Interpretação no Futebol tem evoluído exponencialmente nos últimos anos. Hoje em dia, é imprescindível a presença de um departamento desta área em qualquer clube de Futebol, uma vez que a competição é cada vez debatida e equilibrada. Neste seguimento, existe uma maior necessidade de inserção de equipas técnicas multidisciplinares que incluam um observador, com o objetivo de melhorar o rendimento da equipa, e que esta seja bem sucedida. As equipas técnicas pretendem conhecer e controlar o máximo de fatores, sejam estes da própria equipa ou da equipa adversária. A Observação, Análise e Interpretação pode ser uma mais-valia para a concretização desse objetivo. Este relatório surge no âmbito do estágio realizado no Leixões Sport Club na época desportiva 2016/2017 e está dividido em quatro partes fundamentais: 1) o enquadramento da prática profissional, onde se foca o macro contexto e o contexto legal institucional; 2) a realização da prática profissional onde se expõem as tarefas operacionais e complementares realizadas ao longo do estágio; um breve estudo acerca da importância da Observação, Análise e Interpretação na preparação de uma equipa de elite; 3) o desenvolvimento da prática, conclusões que se basearam na experiência diária do estágio e da revisão da literatura, e 4) e finalmente as perspetivas futuras.

De modo resumido pode concluir-se que a Observação, Análise e Interpretação do comportamento é uma tarefa decisiva na preparação do treino para o jogo de Futebol, mesmo em escalões de juniores; que a mesma é utilizada por treinadores de diferentes níveis competitivos e a distribuição das informações acerca das equipas adversárias influencia o rendimento das equipas.

Palavras-chave: FUTEBOL, TREINO, JOGO, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Abstract

Observation, Analysis and Interpretation in Football has evolved exponentially in recent years. Nowadays, it is essential to have a department of this area in any Football Club, since the competition is increasingly debated and balanced. In this follow-up, there is a greater need for insertion of multidisciplinary technical teams that include an observer, in order to improve the performance of the team, and that this be successful. The technical teams want to know and to control the maximum of factors, be they of the own team or the opposing team. Observation, Analysis and Interpretation can be an asset to achieving this goal. This report is part of the training session held at Leixões Sport Club in the 2016/2017 sports season and is divided into four fundamental parts: 1) the framework of professional practice, which focuses on the macro context and institutional legal context; 2) the performance of the professional practice where the operational and complementary tasks performed during the internship are exposed; a brief study about the importance of Observation, Analysis and Interpretation in the preparation of an elite team; 3) the development of practice, conclusions that were based on the daily experience of the stage and literature review, and 4) and finally the future perspectives.

In summary, it can be concluded that the Observation, Analysis and Interpretation of the behavior is a decisive task in the preparation of the training for the game of Football, even in junior levels; that is used by coaches of different competitive levels and the distribution of information about the opposing teams influences the performance of the teams.

Keywords: FOOTBALL, TRAINING, MATCH, OBSERVATION, INTERPRETATION.

1. Introdução

O Futebol enquanto modalidade em expansão (Santos, 2016) e de importância crescente está constantemente em evolução (Van Lingen, 1999) tornando-se cada vez mais metodológica e científica (Costa, 2010). Desde o século XX, e através de um crescimento frenético na última década, o jogo de Futebol tem sido alvo de inúmeros estudos e investigações (Ventura, 2013), com o intuito de procurar encontrar novos caminhos, novos meios e novas formas de se atingirem níveis superiores de rendimento.

Surgiram assim novas disciplinas nas ciências desportivas, e os seus benefícios são amplamente reconhecidos como sendo fundamentais na definição das bases para a avaliação e compreensão do desempenho competitivo no Futebol (Carling *et al.*, 2005). De acordo com Costa (2010) uma dessas disciplinas é a Análise do Jogo, que tem sido uma ferramenta preciosa para descodificar as complexidades inerentes ao processo que dá corpo ao jogo de Futebol. Garganta (2008) acrescenta que a Análise do Jogo pode ser extremamente útil para os treinadores, de modo a identificarem regularidades e padrões num jogo cuja lógica interna apresenta-se caótica e com um altíssimo nível de incerteza e imprevisibilidade. Os diferentes agentes diretamente ligados ao processo de treino tendem a utilizar esta informação para a melhoria da performance da equipa.

Hoje em dia as equipas técnicas são constituídas por um conjunto de profissionais multidisciplinares tendo o Analista e o processo pelo qual é responsável, um papel preponderante avanço do conhecimento e da compreensão do jogo. Por um lado, a análise da própria equipa é decisiva na perceção, avaliação e evolução do processo de treino, enquanto a análise do adversário possibilita a identificação dos pontos fortes e fracos, permitindo preparar estrategicamente a equipa para os explorar.

O presente documento cumpre com a legalidade do decreto de lei nº74/2006 de 24 de março, e será apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com o objetivo de obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo, bem como da equivalência ao grau II

de treinador de Futebol. Este relatório reflete o estágio profissionalizante enquadrado no 2º Ciclo em Treino de Alto Rendimento Desportivo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, realizado na equipa de sub-15 (Juniões C) do Leixões Sport Club, na temporada 2016/2017, a competir no Campeonato Nacional de Juniores C I Divisão.

No estágio profissionalizante exerci as funções de treinador-adjunto e de analista/observador de jogo.

1.1. Expectativas sobre o estágio profissionalizante

Iniciei o estágio profissionalizante com elevada expectativa e motivação. Tive desde logo como objetivos, desenvolver os meus conhecimentos ao nível do processo de preparação de uma equipa jovem para a competição através do processo de treino e sobretudo, incidir sobre uma área tão importante e específica como é a Observação e Análise de jogo. Pretendia atingir a compreensão acerca de como esta disciplina é tão fulcral na preparação da equipa para um jogo, através de uma componente predominantemente prática.

Inicialmente o meu foco foi o processo de integração na instituição e no processo inicial de formação específica. Mais tarde, centrei-me nas tarefas específicas de aperfeiçoamento do treino da equipa e da Observação e Análise dos jogos.

1.2. Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo central conhecer, vivenciar e compreender todos os pressupostos inerentes ao processo de preparação de uma equipa de Futebol através do treino e, em específico, recorrendo-se ao processo de Observação, à Análise e Interpretação do jogo, como sendo:

- Identificar aspetos relevantes para a organização do processo de treino de uma equipa de futebol;
- Planear os exercícios de treino em conformidade com a observação da equipa adversária;

- Participar no planeamento e organização do processo de treino;
- Ter um papel ativo durante o processo de treinos junto dos jogadores;
- Conhecer estratégias posicionais, sistemas táticos, organização ofensiva e defensiva, e transições para posterior recolha e análise de dados;
- Conhecer estratégias de recolha, observação e análise de dados;
- Procurar novidades ou remodelações que ofereçam valor à equipa;
- Explorar *softwares* de Observação e Análise de jogo (Videobserver);
- Acompanhar e operacionalizar observações/filmagens *in loco*;
- Recolher e analisar dados de forma estruturada e assertiva nas observações/filmagens *in loco*;
- Elaborar relatórios escritos e vídeo de Observação de Adversários/Própria Equipa, individuais e coletivos, de forma estruturada e profunda, com transfeere para o treino.

1.3. Estrutura do Relatório

O relatório de estágio profissionalizante encontra-se estruturado em sete capítulos.

No primeiro capítulo faz-se uma breve introdução ao tema em estudo, revelando-se a sua importância e objetivos, bem como as expectativas do treinador estagiário.

No segundo capítulo encontra-se o enquadramento da prática profissional, começando-se a realizar o estado da arte dos seguintes temas principais: o jogo de futebol enquanto sistema complexo; escalas e indicadores a ter em conta na Observação, Análise e Interpretação do jogo; evolução e importância do *scouting* e as competências de um analista de jogo. De seguida dá-se a conhecer o contexto em que se realizou o estágio profissionalizante - o Leixões Sport Club, em particular a equipa de Juniores C (sub-15).

O terceiro capítulo é relativo à realização da prática profissional, no qual se dão a conhecer as características do estágio realizado, nomeadamente as características dos jogadores da equipa de Juniores C (sub-15), o modelo de jogo, o macro e microciclo.

No quarto capítulo insere-se um breve estudo acerca da importância da Observação, Análise e Interpretação na preparação de uma equipa de elite.

No quinto está incluído o desenvolvimento profissional, enquanto no sexto encontram-se as conclusões e perspectivas futuras.

O capítulo sete é dedicado às referências a que recorreremos ao longo do relatório de estágio.

2. Enquadramento da prática profissional

Neste capítulo irá contextualizar-se o estágio profissional realizado em diferentes vertentes tais como: o macro contexto, o contexto legal e o contexto institucional. O primeiro, de natureza conceptual, refere-se à revisão da literatura e inclui temas como o jogo de futebol como sistema complexo, os momentos de jogo, a análise, observação e interpretação do jogo, evolução e importância do *scouting*.

Posteriormente, no contexto legal e institucional será apresentada a caracterização da instituição na qual decorreu o estágio.

2.1. Macro contexto – Observação, Análise e Interpretação do jogo de Futebol

2.1.1. O jogo de Futebol como um sistema complexo

Garganta (2006) afirma que os jogos desportivos são jogos situacionais de oposição ativa, ricos em situações de grande imprevisibilidade. Castelo (2009) acrescenta que no jogo de Futebol os intervenientes estão agrupados em duas equipas numa relação de adversidade-rivalidade desportiva, numa luta incessante pela conquista da posse da bola, com o objetivo de a introduzir o maior número de vezes na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza, com vista a obtenção da vitória. Já Pinto (2007) define Futebol como um desporto de cooperação/oposição com espaços comuns e ação simultânea (invasão), de carácter aberto, que se realiza em ambientes em que predomina a incerteza e a imprevisibilidade.

Outros autores como Hughes e Bartlett (2002) entendem o jogo de Futebol como demasiado complexo para ser descrito através da simples representação de dados. A complexidade elevada desta modalidade deve-se sobretudo à natureza caótica que apresenta, isto é, possui uma lógica interna sustentada por múltiplas interações dos jogadores, objetos e regulamentos, que originam padrões comportamentais imprevisíveis e incertos.

A abordagem centrada nos sistemas complexos envolve o estudo da ciência das relações, entre as partes de um sistema darem origem a comportamentos coletivos, e como o sistema interage e forma relações com o meio ambiente (Bar Yam, 2008). De acordo com Von Bertalanffy (cit in Bertrand & Guillemet, 1994) podemos definir sistema complexo como um conjunto de elementos em interação. Partindo desta ideia, defende-se que um sistema se caracteriza pela abertura que tem na relação com o envolvimento e tem como finalidade o atingir de um estado final que o caracterize por inteiro. Quando se olha para uma equipa de Futebol percebe-se que é feita de partes e as mesmas se relacionam constantemente. A forma como as interações locais influenciam o comportamento da equipa a nível coletivo é um exemplo do que referimos (Garganta, 1996).

Durante um jogo, os participantes são confrontados com problemas de elevada complexidade para cuja resolução não existem respostas únicas ou predefinidas (Garganta & Pinto, 1998) dado que dependem, em grande parte, dos constrangimentos da tarefa (espaço, tempo, bola, colegas, adversários), do envolvimento (ambiente físico, social e psicológico) e de situações individuais (competências, emoções, saberes). Os mesmos autores entendem o jogo de Futebol como um microssistema complexo, com dois sistemas dinâmicos em interação, em que cada sistema é composto por subsistemas que se relacionam entre si a um nível coletivo. Esta relação pode ser feita a um nível intersetorial, como por exemplo, a interação do setor defensivo e o setor intermédio e, também, a um nível setorial, pela interação dos jogadores do mesmo setor (Oliveira, 2006).

Esta ideia é partilhada por McGarry e colaboradores (2002) quando referem que o jogo de futebol é visto como um sistema complexo, na medida em que está constantemente a ajustar-se ao envolvimento para manter a sua organização (como a adaptação ao jogo do adversário, substituições, encaixes de sistemas); complexo, por ser composto por inúmeras componentes em interação que se relacionam de forma não linear (como a tendência de passe de um jogador); dinâmico, já que o estado e funcionalidade do sistema vai mudando ao longo do tempo (como a concentração, conhecimento do

adversário).

Como referem Garganta e Cunha e Silva (2000), as equipas operam como sistemas dinâmicos que se confrontam simultaneamente com o previsível e o imprevisível, com o estabelecido e a inovação. O jogo dá-se na interação, e através da interação, das regras constitutivas do jogo, o acaso e a contingência de acontecimentos específicos com as escolhas específicas e as estratégias dos jogadores, viradas para a utilização das regras e do acaso para criarem novos cenários e novas possibilidades.

Segundo Gaiteiro (2006) as equipas de Futebol são formadas por vários elementos que se comportam como sistemas dinâmicos interrelacionais e sobrepostos. Já de acordo com Cunha e Silva (1999), trata-se de um fenómeno extremamente sensível às condições iniciais, trata-se de um sistema cuja evolução é difícil de perceber se não se atender ao que é feito a partir da soma de um conjunto de complexidades.

2.1.2. Escalas

Num jogo de futebol, o quadro geral de jogo é organizado e conhecido, mas o seu conteúdo é sempre imprevisível e até aleatório. Não é possível prever as sequências de todas as ações. As possibilidades e combinações de situações são imensas, o que torna impossível recriá-las no treino (Garganta & Gréhaigne, 1999). Por isso, a necessidade de criação de um padrão de jogo através da fratalidade. O padrão de comportamento diz respeito ao modelo da equipa, o padrão dos comportamentos coletivos, o padrão dos comportamentos setoriais, o padrão dos comportamentos intersetoriais, o padrão dos comportamentos individuais e o padrão das respectivas interações (Campos, 2008). E essas interações que representam o modelo da equipa devem ser treinadas dentro da chamada geometria fractal, ou fratalidade. Os jogadores deverão entender os objetivos e as finalidades dos exercícios, durante o treino, e aplicá-los dentro do jogo todo. Para isso será fundamental o conhecimento global do jogo por parte dos jogadores, imagem mental e vivencia do mesmo (Oliveira, 2006). Este modelo ocorre em oposição do jogo reduzido, que na sua

grande maioria ocorre sem objetivos táticos. A importância deste conhecimento pode e deve ser aplicado ao jogo dentro do processo de treino em Futebol.

O jogo de Futebol pode ser entendido como um sistema caótico com organização fractal. Quando parece existir o caos é possível existirem regularidades organizacionais, isto é, modelar e padronizar uma dada forma de jogar (Oliveira *et al.*, 2007). Brito (2009) afirma que, dentro de um modelo de jogo, existem vários princípios para serem trabalhados durante os treinos. O referido autor relata que, os princípios de jogo são linhas orientadoras básicas que coordenam as atitudes e comportamentos táticos dos jogadores quer no momento ofensivo, quer no momento defensivo, bem como nas suas transições. Durante o treino, o treinador deve “reduzir” nestes setores sem que nunca os jogadores se esqueçam do todo. Para tal deve ter em conta as seguintes variáveis: espaço, número de jogadores e tempo. Corroborando com os autores, podemos entender uma fractalidade como uma parte regular de um sistema caótico que, pela sua estrutura e funcionalidade, consegue representar o todo, independentemente da escala considerada. Se considerarmos um sistema caótico em subsistemas, podemos encontrar, qualquer que seja a escala, uma auto-semelhança com o todo. Os autores defendem ser possível passar de uma organização fractal no processo de treino, para obter semelhanças ao jogo, tanto ao nível dos padrões de comportamento e processo, nas suas diferentes escalas de manifestação (Soares, 2009).

Ao fracionar o jogo durante o treino permite-se a construção de uma cultura de jogo, uma vez que assim que o jogador possui conhecimentos específicos sobre como agir de imediato de acordo com o modelo e princípios de jogo de forma a atingir uma comunicação coletiva eficaz (Frade, 2006). Assim, a fractalidade do exercício de treino relaciona-se com a necessidade de espelhar o geral no particular, ou seja através da fragmentação do jogo no exercício pretende-se que os jogadores evidenciem tomadas de decisão subjacentes à matriz de jogo e, conseqüentemente, comportamentos adequados a esse objetivo.

A primeira fractalidade é referente aos diferentes momentos de jogo e que mais à frente voltaremos a abordar: a organização defensiva; a organização

ofensiva; a transição defesa-ataque e a transição ataque-defesa e relativa aos comportamentos que os jogadores devem assumir nesses momentos do jogo a uma escala colectiva; sectorial (por exemplo: sector defensivo); inter-sectorial e, por fim a uma escala individual. Assim, o exercício de treino deverá permitir a aquisição de conhecimentos específicos, que possibilitam ao jogador e à equipa agir nos diferentes momentos do jogo, perante todos os constrangimentos, em função de uma ideia colectiva de jogo, o modelo de jogo da equipa.

A segunda fractalidade diz respeito ao modelo de jogo, Guilherme Oliveira (2004, p. 151) refere que “Os princípios de jogo podem ser considerados como as características que uma equipa evidencia nos diferentes momentos de jogo, isto é, são padrões de comportamento táctico-técnico que podem assumir várias escalas mas são sempre representativos do Modelo de Jogo, independentemente da escala de manifestação. Neste entendimento de princípios estes apresentam uma configuração e organização fractal uma vez que se manifestam como invariâncias do Modelo e independentemente da escala representam esse Modelo. Os princípios de jogo, ou os padrões de comportamento, podem ser decompostos em sub-princípios e estes, por sua vez, também até atingirem uma escala mínima. No entanto, nessa decomposição não pode deixar de haver fractalidade, isto é, os sub-princípios, ou os sub-princípios dos sub-princípios deverão sempre representar o todo” (Figura 1).

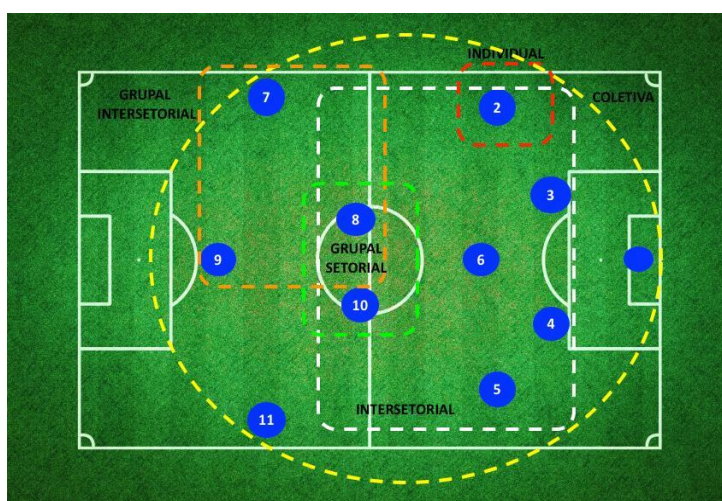


Figura 1. Escalas de uma equipa de Futebol (Barreira, 2017)

A terceira fractalidade, da autoria do mesmo autor, num estudo em 1991, encontra-se uma perspectiva do conceito de especificidade. A especificidade para além de se relacionar com a modalidade, neste caso de Futebol, tem a ver com o contexto, isto é, com o modelo de jogo específico da equipa. Guilherme Oliveira (2004, p. 156) afirma que *“Este conceito de especificidade também deve assumir uma organização fractal. Independentemente do princípio ou do sub-princípio, do exercício mais complexo ou menos complexo, da intervenção do treinador mais global ou mais pomenorizada, isto é, das diferentes escalas de intervenção, a Especificidade deve estar sempre presente e deve ser representativa do Modelo de Jogo. A Especificidade, em todas as escalas possíveis, terá de ser sempre uma invariante/constante do processo”*.

A quarta fractalidade é relativa à modelação do exercício. Esta modelação baseia-se nas três primeiras fractalidades, já que o processo de treino está inteiramente relacionado com modelo de jogo, com a especificidade e com os diferentes momentos do jogo. Assim sendo, a configuração do exercício deve adequar-se ao tipo e comportamentos dos jogadores, e ao mesmo tempo representar o modelo de jogo. Além disso, o treinador deve intervir de uma forma específica e imediata de modo a incentivar os comportamentos adequados e impedir os comportamentos desajustados e para que a homotetia interna da equipa seja sempre conseguida (Guilherme Oliveira, 2004).

2.1.3. Que indicadores atender quando se observam comportamentos em Futebol?

Atualmente pensa-se que o jogo se divide em quatro momentos fundamentais (Oliveira, 2006). Fala-se do momento ofensivo, transição ataque/defesa, momento defensivo e transição defesa/ataque. É esta identificação que permite às equipas apresentar uma interpretação coletiva de cada posição, situando-as permanentemente no seu plano de jogo. Durante a observação e recolha de informação, deverão ter-se em conta estes momentos fundamentais e a transição de uma fase para a outra: organização ofensiva, transição defensiva, organização defensiva e transição ofensiva.

2.1.3.1. Organização Ofensiva (Adaptado de Sánchez, 2015)

a) Construção (saída de bola):

- Tipo de saída/construção;
- canais de saída/jogadores de ligação;
- comportamento do portador da bola;
- dinâmicas dos defesas centrais; dinâmicas dos defesas laterais;
- dinâmicas dos jogadores da linha média;
- dinâmicas dos jogadores da linha avançada.
- Zona de criação/aceleração;
- tipo de criação (curta/longa);
- jogadores desequilibradores;
- número de jogadores envolvidos em profundidade;
- habilidades técnicas mais frequentes.

b) Finalização (ataque na área do adversário):

- Jogador(es) que finaliza(m);
- criação (progressão no campo do adversário):
- zonas por onde preferencialmente atacam;
- relações numéricas na zona de finalização;
- distribuição de jogadores (zonas /linhas);
- jogadores em equilíbrio defensivo (número/configuração).

2.1.3.2. Transição Defensiva (Adaptado de Sánchez, 2015)

- Tempo de reação à perda da bola;
- Número de jogadores que pressionam ativamente no centro do jogo;
- Desequilíbrios do adversário no momento da perda da bola;
- Tempo para reorganização defensiva; jogadores referência.

2.1.3.3. Organização Defensiva (Adaptado de Sánchez, 2015)

- Posicionamento do bloco defensivo;
- manutenção da compacidade do bloco defensivo;
- espaço entre setores/corredores;

- estímulos para pressionar e zonas de intensificação da pressão;
- comportamento face a jogo aéreo/comportamento na segunda bola;
- velocidade no desdobramento/permutas defensivas.

2.1.3.4. Transição ofensiva (Adaptado de Sánchez, 2015)

- Zonas de recuperação da posse de bola;
- tipo de transição: segurança/risco;
- características do primeiro passe; tempo para chegar ao último terço;
- número de jogadores envolvidos.

2.1.4. Observação, Análise e Interpretação do comportamento em Futebol

Os desportos de equipa caracterizam -se pelo seu dinamismo e complexidade, que resulta das interações entre jogadores (Gréhaigne *et al.*, 1995). Assim, uma das principais missões dos técnicos desportivos relaciona-se com a capacidade de sistematizar a dinâmica funcional da sua equipa, procurando potenciar as relações entre jogadores no sentido de melhorar a performance coletiva (Davids *et al.*, Bennett, 2008). Deste modo, a análise de jogo tem vindo a fornecer aos treinadores informações pertinentes que fundamentem as opções de treino e adoção de estratégias de jogo.

De maneira geral, a análise de jogo tem vindo a basear-se na análise notacional de jogo, registando as ações técnicas predominantes, bem como, na análise sequencial procurando analisar os comportamentos táticos dos jogadores (Costa, 2010). Ambas as análises são importantes para a constituição de um entendimento holístico sobre a realidade do jogo.

Nas modalidades coletivas em geral e no futebol em particular, existem fatores contextuais como o resultado de jogo, o local de jogo, a classificação geral das equipas no campeonato ou o estado de posse de bola que determinam a alteração de comportamentos técnico -táticos (Lago, 2007). De entre todos os fatores possíveis, o fator menos previsível e controlável no momento, é o estado da posse da bola que determina o comportamento entre

os jogadores da própria equipa no sentido de se autorregular em função de um objetivo comum.

Garganta e Pinto (1994) referem algumas características específicas do jogo de futebol, que o tornam distinto dos restantes Desportos Colectivos: as dimensões do terreno de jogo, o número de Jogadores (11 x 11) e a duração do jogo, 90min (fora descontos de tempo), o que implica um grande esforço por parte de cada jogador e da equipa. No que diz respeito às medidas comuns de um campo de Futebol, se dividirmos todo o espaço pelos onze jogadores em campo, tem-se a um valor à volta dos trezentos metros quadrados para cada um (Castelo, 1994). Uma vez que não é possível ocupar todo o terreno recorre-se à atribuição de diferentes importâncias aos espaços de jogo, dando mais destaque para os espaços mais perto dos alvos. Lobo (2007, p. 204) refere que, este é um “*problema geográfico que dará vantagem a quem ocupar todas as zonas do relvado de modo mais inteligente*”. Todo o comportamento de uma equipa é influenciado pelo espaço onde cada situação de jogo ocorre (zona da bola), conjugado com uma leitura do posicionamento dos jogadores adversários e da própria equipa em relação aos alvos (balizas).

2.1.5. Entendimento (s) acerca das tarefas de observação, análise e interpretação do jogo: *scouting*

Bacconi e Marella (1995) consideram que a observação do jogo engloba apenas a recolha e coleção de dados em tempo real, enquanto a análise do jogo diz respeito à recolha e coleção de dados em tempo diferido, sendo os eventuais erros cometidos durante a observação possivelmente corrigidos posteriormente durante o processo de análise. Gowan (1982) afirma que a análise do jogo consiste na observação cuidada de um jogo e que esta pode ser um auxiliar do treino muito útil. Garganta (2000) refere que a análise do jogo é entendida como o estudo do jogo a partir da observação da atividade dos jogadores e das equipas.

Apesar de serem referenciadas diversas denominações na literatura, a mais comum é a análise do jogo, considerando que engloba diversas fases do processo, nomeadamente: i) observação dos acontecimentos; ii) notação dos

dados; e iii) interpretação sendo por isso a expressão mais utilizada pela literatura (Hughes, 1996, cit. in Garganta, 1997).

Atualmente, a nomenclatura utilizada para o processo de observação e análise de jogo é a de *scouting*, que quando traduzida para português significa: observar, reconhecer, explorar, espiar e examinar.

Rocha (1996) afirma que o *scouting* é um instrumento que possibilita aos observadores separarem informações sobre aspetos que julgam mais relevantes para o estudo que pretendem. Lopes (2005, p. 42) aprofunda a definição dizendo que: “O *scouting* é uma modalidade particular de observação-análise que visa o objetivo de municiar os treinadores de informações precisas sobre o adversário, que os capacitam para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, ou seja, preparar a equipa para todas as ocorrências e com essa preparação desenhar soluções estratégicas quer permitam resolver de uma forma cada vez mais eficaz os problemas do jogo”.

Pedreño (2014) partilha esta ideia quando diz que o *scouting* é o processo de recolha de informação de diversos parâmetros obtidos durante os jogos, treinos da própria equipa ou dos adversários. Após a fase de recolha, é feita a interpretação e manipulação dos dados obtidos através de *softwares* específicos, onde são processados e divulgados para o treinador da equipa que fará a última seleção da informação com o objetivo de definir a estratégia para o jogo e o que pretende transmitir aos jogadores.

Para Garganta (2014) o *scouting* está relacionado com todos os aspetos que se possam utilizar no sentido de melhorar o processo de treino e as tomadas de decisão no desempenho da equipa durante os jogos. Ou seja, o *scouting* apresenta diversos domínios até ter a sua aplicação direta no processo de treino abrangendo mais do que a mera observação de jogos ou de equipas.

2.1.5.1. Evolução do *Scouting*

A importância dada à análise do jogo foi crescendo nos últimos 30 anos. Não obstante, foi nos Estados Unidos da América, na década de 30 que foram

realizados os primeiros estudos neste domínio, por Lloyd Lowell Messersmith (1931), que privilegiava a dimensão física (cit in Garganta, 2001). Mais tarde, percebeu-se que esta visão se tornava demasiado redutora e realizou-se uma análise do tempo/movimento para determinar o número, tipo e frequência de ações motoras realizadas pelos jogadores ao longo do jogo (Reilly, 1996). Posteriormente surgiu a observação de habilidades técnicas (Dufour, 1989; Partridge & Franks, 1991; Mesquita, 1998; Hoff & Haaland, 1999; cit. in Garganta, 2001a).

Contudo, todos estes estudos que se debruçam em detalhes isolados do jogo de Futebol não permitem uma visão geral do jogo, o que proporcionava uma imagem deturpada da performance (Borrie *et al.*, 2002; Hughes & Bartlett, 2002). Neste sentido, surge a análise dos comportamentos de ordem tática, assumindo-se como uma das principais linhas de investigação nos jogos desportivos da atualidade. As ações táticas do jogo são agora o principal foco da investigação para se identificarem padrões de comportamento estáveis por parte dos jogadores e das equipas (Garganta, 2007; *cit in*. Sarmiento, 2012).

Garganta (2001) apresenta uma evolução cronológica da análise de jogo que vai desde o recurso à técnica de papel e lápis, passando pelo uso do computador após a observação para registo, armazenamento e tratamento de dados, pelo registo dos dados em simultâneo com a observação, em direto ou em diferido até a um dos sistemas atuais mais evoluídos: AMISCO.

Em suma, a análise de jogo progrediu desde sistemas mais rudimentares, tais como a simples análise visual até a análise com recurso a sistemas informáticos, sendo os primeiros muito mais limitados ao nível da subjetividade do observador/analista pois dependem da sua experiência, habilidade e memória.

Análise visual, análise notacional, análise baseada em vídeo e análise baseada na tecnologia são, de acordo com Vásquez (2012), quatro formas fundamentais de análise. A anotação em tempo real permitiu que posteriormente fosse possível uma análise mais detalhada do jogo, no entanto impossibilitava a observação de outros acontecimentos que decorrem em simultâneo. O vídeo colmatou esta falha pois permitiu observar detalhadamente

vários momentos, revê-los e categorizá-los. A utilização de tecnologias informáticas é a metodologia mais atual de análise de jogo pois é a mais objetiva e concreta, sendo possível obter informações de carácter qualitativo e quantitativo. Após a gravação digital do jogo, é feito o seu *download* para um *software*, tal como o *Videobserver* ou *sportscod*e (Sánchez, 2015). Não obstante, a capacidade de análise do observador é igualmente relevante para que se retire o máximo de proveito destes *softwares*.

2.1.5.2. Importância do Scouting

A observação e análise de jogo têm vindo a crescer exponencialmente principalmente no Futebol de alto rendimento. Os grandes clubes preocupam-se em reunir uma equipa transdisciplinar, em que além de jogadores e treinadores são integrados psicólogos, preparadores físicos, médicos, analistas de jogo, entre outros (Pedreño, 2014).

O departamento de observação e análise ganha cada vez maior ênfase com o objetivo de otimizar ao máximo o rendimento dos jogadores e da equipa, através do processo de recolha, tratamento e análise de dados que são obtidos através da observação (Garganta, 2001). De acordo com o mesmo autor, a análise de jogo permite interpretar a organização das equipas, interpretar as ações que concorrem para a qualidade do jogo, planificar e organizar o treino, estabelecer planos táticos adequados em função do adversário, regular o treino, tendo sempre como intuito caminhar no sentido de melhor preparar a equipa para os confrontos com os demais adversários (Garganta, 1997). Oliveira (2006) partilham a mesma ideia, afirmando que a análise da própria equipa e a análise da equipa adversária parecem constituir-se como fundamentais para a regulação do processo de treino. Lago (2007) afirma também que a análise deve ter uma forte presença no trabalho diário de treino no sentido de ajustar a equipa aos pontos forte e fracos dos adversários.

Neste seguimento, Carling *et al.* (2005) refere-se ao ciclo de observação e análise para explicar a importância da análise de jogo no treino das equipas de alta competição tendo em vista a preparação da equipa para a competição. Para estes autores (2005), o ciclo de observação e análise relaciona-se com o

que se observa, analisa e interpreta com consequências no planeamento semanal e no processo de treino (ver figura 2). Borrie *et al.*, (2002), Garganta (2006) e Sarmiento, (2012) acrescentam que o objetivo geral da análise do jogo passa por identificar os fatores e os eventos críticos que condicionam o rendimento das equipas e dos jogadores, permitindo que os treinadores otimizem o processo de treino e a gestão das equipas na competição. Desta forma, a análise do jogo permite tirar ilações relativamente a um passado, para perspectivar uma intervenção futura (McGarry *et al.*, 2002).

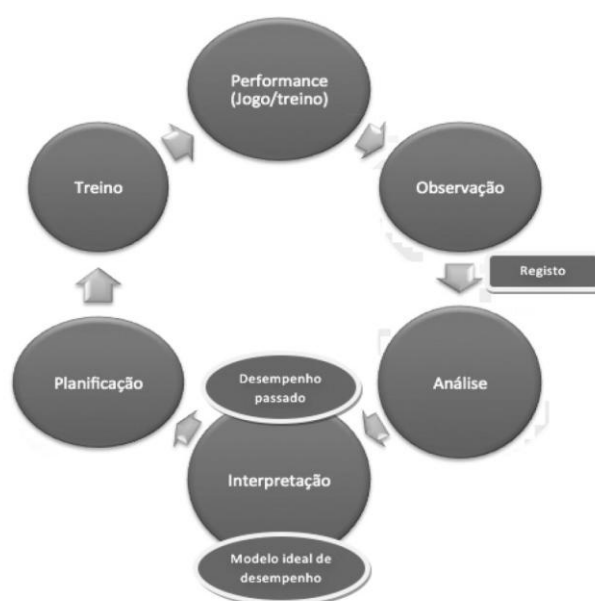


Figura 2. Ciclo do processo de análise do comportamento e as suas implicações (Barreira, 2017, adaptado de Carling, Williams, Reilly, 2005)

2.1.6. Competências do Analista

O estudo do jogo a partir da observação da atividade dos jogadores e das equipas pode designar-se por – observação do jogo (game observation), análise notacional (notational analysis) e análise do jogo (match analysis) (Garganta, 2001). A análise notacional, surge como a resposta às limitações dos treinadores para recolher e tratar a informação, no que diz respeito à imparcialidade e emoções que ligam os treinadores ao jogo e aos seus jogadores (Dias, 2009). Este aspeto torna-se, ainda, mais relevante se

considerarmos que os treinadores podem ser incapazes de recordar eventos de forma fiável e, deste modo, fazer julgamentos subjetivos, pelo que é fundamental comparar esses julgamentos com a análise do jogo, de forma a otimizar o processo de formação dos seus jogadores e equipas (Hughes & Franks, 2004). Deste modo, reforça-se o papel o observador/analista de jogo. A análise notacional torna-se assim uma ferramenta de suporte na reformulação das opiniões preestabelecidas e que condicionam toda a informação recolhida durante a competição (Caldeira, 2001). Esta análise fornece indicações para melhor interpretar as performances desportivas (Lopes, 2005).

Garganta (1997) refere que o trabalho do analista de jogo é fundamental para a identificação dos factores que influenciam a performance desportiva e devem ser considerados na orientação da equipa durante o jogo e na organização do processo de treino. A identificação, a recolha, o registo, o armazenamento e o tratamento dos dados a partir da observação das ações de jogo são uma ferramenta imprescindível para o controlo, avaliação e reorganização do processo de treino e competição e cada vez mais determinantes na optimização do rendimento dos jogadores e das equipas (Garganta, 2001).

Segundo Wooden (1988), os treinadores também solicitam o trabalho dos seus observadores/analistas para realizarem análises à sua própria equipa, como forma de refletir sobre o trabalho que estão a desenvolver. Por outro lado, a Análise do Jogo pode também ser utilizada na avaliação individual dos jogadores no caso da prospecção para clubes (Silva, 2006).

No entanto, a análise de jogo também se reporta para as equipas adversárias, pois visa dotar os treinadores de informação precisa sobre os adversários que os capacitam para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, para que se possam criar *“situações no treino semelhantes às que irão ser encontradas num contexto de jogo, permitindo ao jogador vivenciar a experiência e a criação de respostas a esses mesmos estímulos”* (Pinho, cit in Ribeiro, 2009, p. 25), de forma a explorar-se os pontos fracos do adversário e a tentar contrariar os seus pontos mais fortes. Os pontos fortes e as fraquezas que a equipa apresenta, deverão ser conhecidos para que, através do treino,

possam ser desenvolvidas ou colmatadas (Lago, 2007). Com esta análise, pretende-se caracterizar as equipas que se irão defrontar, tentando identificar os seus padrões de conduta coletiva e individual (Castelo, 2009; Hughes & Churchill, 2005; Carling & Williams, 2005; Ventura, 2013).

Quer seja feita a análise da própria equipa, quer seja da equipa adversária, é importante a elaboração de um modelo de análise que assegure os aspetos considerados pertinentes para a optimização da equipa e dos seus jogadores, no treino e para o jogo. Conclui-se que a um modelo de jogo deverá corresponder, também, um modelo de observação e análise, existindo tantos modelos de análise quantas as concepções de jogo dos treinadores (Castelo, 2014).

Para Garganta (2006), o modelo de jogo é o orientador de todo o processo de treino. A orientação do processo de treino deverá ser baseada e regulada através da informação que é recolhida no jogo, tendo em conta o modelo de observação (Garganta, 2008).

Outro trabalho realizado pelo observador/analista diz respeito à prospeção de jogadores com intuito de detectar os potenciais talentos e antecipar-se à concorrência na contratação de ativos futuros para o clube. Este processo também tem vindo a ser adotado pelas equipas de formação (Costa, cit. in Ventura 2013).

2.2. Contexto legal

O estágio foi realizado no âmbito do 2º Ciclo em Treino de Alto Rendimento Desportivo proporcionado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), tendo sido o Leixões Sport Club (L.S.C.) a instituição de acolhimento, em particular a equipa de sub- 15 que competiu no Campeonato Nacional de Juniores C.

O estágio realizou-se entre agosto de 2016 e maio de 2017. Por norma, a semana de treinos incluiu quatro sessões de treino de 75 minutos cada e um jogo, perfazendo aproximadamente 6 horas de trabalho semanal. No entanto, uma vez que preparação de uma equipa do Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) engloba aspetos que ultrapassam a presença em treinos e jogos, a

carga semanal de trabalho foi sempre superior às seis horas supramencionada. Abrangeu também a observação indireta e direta (sempre que possível) de equipas adversárias e a observação direta e indireta da própria equipa.

A realização deste estágio surgiu pelo fato de ter sido proposto o desempenho de funções de analista/observador na equipa técnica, onde já exercia funções de treinador-adjunto, e ter sentido a necessidade e a curiosidade de me aperfeiçoar nesta área, de modo também a potenciar a minha evolução profissional. O apoio do orientador da FADEUP, Professor Doutor Daniel Barreira, foi fundamental nesta decisão.

2.3. Contexto institucional

2.3.1. A instituição Leixões Sport Club: História

Fundado em Novembro de 1907, o Leixões Sport Club resultou da junção de três clubes desportivos existentes em Matosinhos: o Grupo Lawn-Tennis Prado, o Grupo Lawn-Tennis de Matosinhos e ainda o Grupo Leixões Sport Club Foot- Ballers. Desde cedo, o clube abrangeu várias modalidades, começando pelo ténis, Futebol e críquete (praticado pela burguesia) – elementos do símbolo do Clube. Mais tarde formou-se a natação, o voleibol, o boxe, o karaté e o bilhar, com resultados muito positivos.

Quanto ao Futebol, o Leixões Sport Club começou por enfrentar equipas locais, passando a competir no Campeonato do Porto e mais tarde no Campeonato de Portugal. Galego (2007) refere os seguintes eventos mais marcantes na história do L.S.C:

- 1908: a realização do primeiro *Match* de *Football*, contra o Futebol Clube do Porto, entre as primeiras e segundas equipas de cada clube.
- 1912: o L.S.C. e o Futebol Clube do Porto fundam a Associação de Futebol do Porto.
- 1936: inauguração do Campo da Santana, que passaria a ser o local onde decorreriam os jogos.
- 1938: o L.S.C. conquista a II Liga em Futebol.

- 1941: o Leixões Sport Club sagra-se Campeão Nacional de Futebol, em Juniores.
- 1958: por ocasião da celebração do 50º aniversário, a Câmara Municipal de Matosinhos atribui a Medalha de Ouro em Mérito Desportivo.
- 1959: a subida à I Divisão Nacional, numa vitória frente ao Tirsense, em Santo Tirso, para a qual um comboio e várias camionetas com adeptos do clube se deslocaram.
- 1960: o início das obras de construção do Estádio do Mar.
- 1961: a conquista da Taça de Portugal, vencendo na final o Futebol Clube do Porto, por 2-0, no Estádio das Antas. Uma das maiores conquistas do clube.
- 1964: a inauguração do Estádio do Mar.
- 1964: a conquista do Campeonato Nacional (I Divisão) em voleibol.
- 1972: o Leixões Sport Club obtém novo título de campeão nacional em voleibol.
- 1982: já pela nona ocasião na história, o clube sagra-se campeão nacional de voleibol.
- 1999: no bilhar, conquista da Taça de Portugal por equipas.
- 2002: numa altura em que militava na II Divisão B, o L.S.C. protagonizou uma caminhada histórica e verdadeiramente épica na Taça de Portugal, alcançando a final (derrota frente ao Sporting por 1-0, no Jamor) e também o apuramento para a Taça UEFA. O treinador Carlos Carvalhal ficará ligado à história do clube por este feito único.
- 2007: a conquista da Liga Vitalis (2ª Divisão de futebol).

2.3.2. Estádio e outras instalações

Após a despedida do Leixões Sport Club ao campo de Santana, a direção do clube apelou aos pescadores para que ajudassem a erguer o novo estádio. Foi com um grupo liderado por Damião Aguiar, Edmundo Ferreira, Emídio Teixeira de Carvalho, Edison de Magalhães, António da Costa Lage, Carlos Reguengo, João Ribeiro, entre outros, que juntos encontraram os mil

euros necessários para adquirir os 28 mil metros quadrados. O eng. Manuel Lopes de Amorim encarregou-se de construir o relvado e o terreno de jogo nasceria ao contrário, no sentido nascente/ponte, o faria com que, ao final da tarde, um dos guarda-redes não tinha a possibilidade de ver a bola uma vez que o pôr-do-sol lhe encadearia a vista. Foi então virado o campo no sentido norte/sul. O nome do estádio, esse, deveu-se a Emídio Teixeira de Carvalho. A simples homenagem aos pescadores, que contribuíram com “um tostão” por cada cabaz de sardinhas pescadas. Inaugurado a 1 de Janeiro de 1964, o Sport Lisboa e Benfica, que tinha nomes como Costa Pereira, António Simões, Mário Coluna, Torres ou Eusébio, foi o convidado de honra na inauguração do Estádio. O Benfica estreou o relvado e bateu o Leixões Sport Club por 4-0. Daí para cá, várias foram as alterações que o Estádio do Mar sofreu. Desde a construção da bancada central em cimento (antes era uma bancada de madeira onde os associados tinham o seu lugar numerado) ao levantamento do relvado por altura da participação na Taça UEFA em 2002 passando pela cobertura na bancada da Superior e a iluminação artificial.



Figura 3. Planta do Estádio do Mar.

Houve necessidade de modernizar as suas infraestruturas nomeadamente do Estádio do Mar, no entanto foi nas instalações do Complexo Municipal de Aldeia Nova e do campo dos Lusitanos Futebol Clube de Santa Cruz do Bispo, que funcionou o futebol de formação uma vez que o Leixões Sport Club não possui infraestruturas próprias para a formação.



Figura 4. Complexo Desportivo Aldeia Nova



Figura 5. Complexo Desportivo Aldeia Nova

O complexo desportivo do Aldeia Nova é utilizado por várias equipas de futebol de formação, inclusive do Leixões Sport Club e do Leça Futebol Clube. Foi construído em 2015, com um novo relvado com certificação FIFA 2 Stars. O relvado sintético tem as medidas oficiais de futebol de 11 e pode ainda ser dividido em 2 campos de futebol de 7, também com as medidas oficiais. Neste empreendimento, foram abrangidos a construção de 4 balneários, torres de iluminação e sistema de rega automática.

O campo dos “Lusitanos” Futebol Clube Santa Cruz, fundado em 1972, é também utilizado pelo Leixões Sport Club, no âmbito da formação de Futebol.



Figura 6. Campo dos “Lusitanos” de Santa Cruz do Bispo

2.3.3. Cultura desportiva do Futebol de Formação

O Leixões Sport Club é conhecido e diferenciado pela sua mística, raça e pela sua dimensão “cultural”, que vai desde os Pescadores da Lota de Matosinhos, passando pelos Bairros Sociais e Escolas Básicas e Secundárias até aos que estão a dar os primeiros passos na Escola João Faneco (4-10 anos) e prosseguem para a Formação. Desde os “Bebés do Mar”, na Escola João Faneco que é inculcida a dimensão do Leixões Sport Club. Não é por acaso, que muitas destas crianças vêm de famílias “leixonenses” e que enchem sempre o Estádio em dia de jogo. Quanto ao jogo propriamente dito, a formação do Leixões Sport Club prima sempre pelo espírito de vitória e de sacrifício, querendo sempre ter o domínio do jogo. Neste sentido, a formação é caracterizada por princípios onde haja muita posse de bola; triangulações de forma a criar soluções de passe ao portador da bola; avançar no campo com bola; reação muito rápida à perda de bola e realizar várias trocas posicionais. Apesar de ser um clube onde os treinadores têm liberdade para planejar treinos e explorar as capacidades dos diversos jogadores, segue sempre as Ideias de Formação em que primeiro está o atleta e a sua evolução e só depois a competição e os resultados competitivos.

2.3.3.1. Objetivos de Formação

Com o objetivo de desenvolver a secção de Futebol do LSC, através de resultados desportivos de qualidade, delinearam-se objetivos gerais (comuns a todos os escalões) definidos pelo coordenador técnico dos escalões dos juvenis, juniores e seniores. Na sua elaboração, o coordenador teve em consideração as informações dos treinadores das épocas anteriores, sobre a pré-disposição, qualidade e conhecimento dos jogadores, assim como da sua formação como indivíduos. Procuram-se definir então objetivos exequíveis e que refletissem o carácter do clube.

No entanto, o principal propósito do departamento de formação do L.S.C. vai mais além de desenvolver o nível futebolístico nos seus jovens jogadores. Procura também inculcir valores a nível pessoal, como educativo e social.

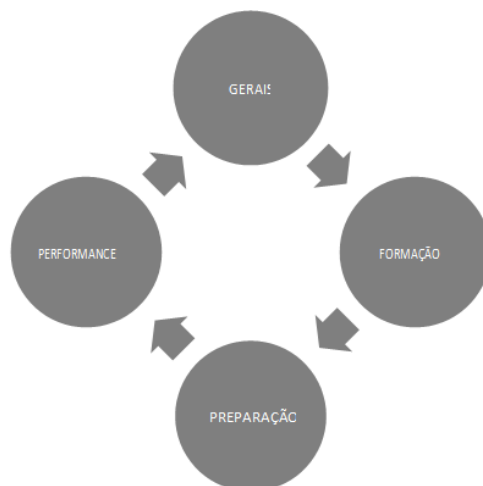


Figura 7. Objetivos de formação do Leixões Sport Club.

Objetivos gerais

- Espírito de Equipa e de Sacrifício;
- Atingir o Apuramento de Campeão, ou seja, ficar nos 2 primeiros da tabela classificativa;
- Futebol e Educação;
- Formar jogadores e formar seres-humanos.

Objetivos específicos de formação

- Desenvolver o espírito de fair-play;
- Adquirir os princípios específicos de jogo;
- Desenvolvimento das capacidades motoras;
- Ética Desportiva;
- Auto-Superação.

Objetivos de preparação

- Melhorar a componente física;
- Manter a motivação quer nos treinos e nos jogos;
- Desenvolver a capacidade de superação nos momentos difíceis;
- Desenvolver o espírito vencedor;
- Melhorar a concentração nos treinos;
- Equipa acima de qualquer qualidade individual.

Objetivos de performance

- Melhorar sempre a atitude após perda de bola;
- Manter a qualidade imposta em treino nos jogos, nomeadamente a posse de bola;
- Saber quando jogar “curto” e jogar “longo”;
- Criar coberturas e noções de ocupação do espaço;
- Dar noção de campo grande;
- Jogo sem bola e posicionamentos;
- Mudanças e variações de passe;
- Noção de corredor lateral e corredor central e quando devem ser ocupados.

2.3.4. Histórico recente de classificações da equipa de Juniores C (Sub- 15) do Leixões Sport Club

A equipa dos sub-15 está inserida na 1ª Divisão da Série B, pelo que o nível de competição é alto. A competição divide-se em duas fases. Na primeira fase da série B, disputam doze equipas em formato de campeonato a duas rondas. Após uma ronda, os primeiros quatro classificados vão disputar a segunda fase Norte do Campeonato Nacional de Júniores C.

Na época anterior a equipa não conseguiu o apuramento para a segunda fase, tendo ficado em terceiro lugar. Realizou uma segunda fase de manutenção onde alcançou o segundo lugar com os mesmos pontos que o primeiro classificado, perdendo apenas no confronto direto. Para esta época era sabido que, com a alteração dos regulamentos, existia a possibilidade de se apurarem quatro equipas para a segunda fase. Algo que acabou por concretizar. A equipa terminou assim a primeira fase da série B em terceiro classificado, apurando-se assim para a segunda fase do Campeonato Nacional de Júniores. O rendimento da equipa não foi o desejado acabando por ficar no último lugar (8º lugar), com apenas uma vitória em catorze jogos realizados.

Quadro 1: Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) 1ª fase - Série B – 2015/2016 (fonte: www.zerozero.pt)

CLASSIFICAÇÃO

		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	FC Porto	48	18	16	0	2	81	9	+72	+
2	Rio Ave	37	18	11	4	3	39	16	+23	+
3	Leixões	35	18	11	2	5	34	17	+17	+
4	Paços Ferreira	29	18	8	5	5	25	18	+7	+
5	▲ Penafiel	25	18	8	1	9	19	31	-12	+
6	▼ Moreirense	25	18	7	4	7	26	23	+3	+
7	▼ Dragon Force	24	18	7	3	8	23	33	-10	+
8	Varzim	21	18	6	3	9	24	35	-11	+
9	Trofense	13	18	4	1	13	12	48	-36	+
10	Régua	1	18	0	1	17	9	62	-53	+

Quadro 2: Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) 2ª fase – Manutenção Série B - 2015/2016 (fonte: www.zerozero.pt)

CLASSIFICAÇÃO

		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	▲ Paços Ferreira	57	14	8	4	2	30	12	+18	+
2	▼ Leixões	57	14	6	4	4	23	17	+6	+
3	▲ Dragon Force	46	14	6	4	4	21	15	+6	+
4	▼ Moreirense	45	14	5	5	4	27	20	+7	+
5	Penafiel	42	14	5	2	7	16	21	-5	+
6	Trofense	36	14	7	2	5	21	21	0	+
7	Varzim	34	14	4	1	9	14	28	-14	+
8	Régua	12	14	3	2	9	11	29	-18	+

Quadro 3: Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) 1ª fase - Série B – 2016/2017 (fonte: www.zerozero.pt)

CLASSIFICAÇÃO

		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	Paços Ferreira	27	11	9	0	2	20	10	+10	+
2	FC Porto	25	11	8	1	2	38	9	+29	+
3	Leixões	22	11	7	1	3	14	9	+5	+
4	Penafiel	20	11	5	5	1	23	11	+12	+
5	▲ Dragon Force	20	11	6	2	3	18	14	+4	+
6	▼ Feirense	18	11	5	3	3	22	13	+9	+
7	▲ SC Coimbrões	15	11	4	3	4	11	13	-2	+
8	▼ Gondomar	14	11	4	2	5	15	17	-2	+
9	▼ Freamunde	13	11	4	1	6	7	12	-5	+
10	Sp. Espinho	8	11	2	2	7	9	21	-12	+
11	Fiães SC	4	11	1	1	9	15	35	-20	+
12	Vila Real	1	11	0	1	10	10	38	-28	+

Quadro 4: Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) 2ª fase Norte - 2016/2017 (fonte: www.zerozero.pt)

CLASSIFICAÇÃO




		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	FC Porto	32	14	10	2	2	33	12	+21	+
2	Paços Ferreira	28	14	8	4	2	20	10	+10	+
3	V. Guimarães	28	14	8	4	2	26	12	+14	+
4	Famalicão	20	14	5	5	4	22	18	+4	+
5	Braga	17	14	4	5	5	19	16	+3	+
6	Penafiel	15	14	4	3	7	18	25	-7	+
7	Moreirense	7	14	1	4	9	10	27	-17	+
8	Leixões	6	14	1	3	10	16	44	-28	+

2.3.5. Caracterização da equipa do Campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15) do Leixões Sport Club

A pedido do treinador principal, fez-se uma recolha de dados no início da época 2016/2017 onde constam algumas informações acerca dos jogadores tais como: data de nascimento (idade relativa), nome completo, pé dominante, peso e altura. Este trabalho havia sido efetuado por mim, na época anterior no escalão de Juniores D, sendo possível desta forma criar uma base de dados de atletas, algo inexistente até então. O grupo é composto por um total de 23 atletas, seguindo-se as informações recolhidas e organizadas em quadros.

2.3.5.1. Guarda-redes

Quadro 5. Informação sobre o jogador 1.

		Data de nascimento	27/08/2003
		Posição habitual	Guarda-redes
		Peso (Kg)	59,6
		Altura (m)	1,69

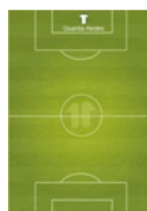


Dimensão tática: Situa-se muito perto da baliza no momento ofensivo da equipa; precipita-se a sair a jogar; tens boas noções táticas, orienta os colegas.

Dimensão técnica: Bom entre os postes; jogo aéreo; excelente no passe e receção; bola longa no pontapé de baliza.

Dimensão física: Ágil, veloz e bons reflexos.

Dimensão psicológica: Confiança, muita comunicação, empenhado e obediente.

Quadro 6. Informação sobre o jogador 2.

		Data de nascimento	28/05/2003
		Posição habitual	Guarda-redes
		Peso (Kg)	69,6
		Altura (m)	1,65

Dimensão tática: Situa-se sempre perto da baliza; não sobe no terreno; dificuldades a sair jogar curto e rápido pelas centrais.




Dimensão técnica: Bom nos remates pelo chão, defende bem para os dois

lados.

Dimensão física: Ágil, bons reflexos, precisa de ganhar massa muscular.

Dimensão psicológica: Falta de confiança e de comunicação; tímido mas empenhado e obediente.

Quadro 7. Informação sobre o jogador 3.

		Data de nascimento	16/04/2002
		Posição habitual	Guarda-redes
	Peso (Kg)	66	
	 PÉ DOMINANTE	Altura (m)	1,71

Dimensão tática: Situa-se corretamente na baliza.




Dimensão técnica: Bom nos remates; defende bem para os dois lados.

Dimensão física: Alguma agilidade.

Dimensão psicológica: Distraído com excesso de confiança.

2.3.5.2. Laterais

Quadro 8. Informação sobre o jogador 4.

		Data de nascimento	07/09/2002
		Posição habitual	Lateral direito/defesa central
	Peso (Kg)	49,6	
	 PÉ DOMINANTE	Altura (m)	1,59




Dimensão tática: Dificuldades em lateralizar o jogo e receber de perfil; não se envolve no momento ofensivo da equipa; bom na leitura dos movimentos adversários; encosta nos adversários e não deixa rodar.

Dimensão técnica: Bom passe longo; fraco na finta; passe por vezes sem a trajetória pedida.

Dimensão física: Velocidade; pouca resistência muscular; falhas na coordenação; boa impulsão.

Dimensão psicológica: Fraca confiança; agressividade; falhas na atenção na concentração dos exercícios.

Quadro 9. Informação sobre o jogador 5.

		Data de nascimento	02/04/2003
		Posição habitual	Lateral esquerdo/médio esquerdo
	Peso (Kg)	60,6	
	Altura (m)	1,69	
			




Dimensão tática: Muito bom no momento ofensivo da equipa; boa relação intersetorial; bom em situações 2 v 1; fecha bem os espaços no corredor central.

Dimensão técnica: Jogador muito dotado tecnicamente; muito forte no 1v1; desequilibrador; bom no passe e receção; bom a receber bola orientada; falhas no cabeceamento; remate muito colocado.

Dimensão física: Velocidade; força muscular; impulsão; coordenação.

Dimensão psicológica: Confiança; companheirismo; trabalhador; empenhado; espírito de equipa.

Quadro 10. Informação sobre o jogador 6.




		Data de nascimento	16/01/2003
		Posição habitual	Lateral esquerdo/extremo esquerdo
	Peso (Kg)	60,6	
	Altura (m)	1,69	
			

Dimensão tática: Dificuldades no momento defensivo falho de marcação; mau posicionamento em campo; bom em situações de 2v1. Dimensão técnica: Jogador muito evoluído na finta; bom passe; má receção; precisa de melhorar no cabeceamento.

Dimensão física: Velocidade; agilidade; força explosiva; coordenação.

Dimensão psicológica: Muito brincalhão; companheiro; bem-disposto mas emocionalmente instável.

Quadro 11. Informação sobre o jogador 7.

		Data de nascimento	25/01/2003
		Posição habitual	Lateral esquerdo/extremo esquerdo
	Peso (Kg)	50,6	
	Altura (m)	1,59	
			




Dimensão tática: Falhas no posicionamento em campo; não sabe os momentos de jogo; dificuldades em virar o centro de jogo.

Dimensão técnica: Bom no 1v1; falhas no passe e recepção; fraco no cabeceamento.

Dimensão física: Pouco veloz, falhas na coordenação, fraco fisicamente.

Dimensão psicológica: Não tem confiança; não comunica nem com o treinador nem com os colegas.

Quadro 12. Informação sobre o jogador 8.

		Data de nascimento	01/04/2003
		Posição habitual	Lateral direito
		Peso (Kg)	41,6
		Altura (m)	1,59
			




Dimensão tática: Fraco no momento de transição defensiva; não se orienta conforme o posicionamento dos centrais.

Dimensão técnica: Jogador em evolução no 1v1; bom passe; bom cabeceamento. Dimensão física: Velocidade; resistência

Dimensão psicológica: Desmoraliza quando falha o 1v1; pouco confiante.

2.3.5.3. Defesas

Quadro 13. Informação sobre o jogador 9.

		Data de nascimento	17/02/2003
		Posição habitual	Defesa central
		Peso (Kg)	62
		Altura (m)	1,69
			




Dimensão tática: Fraco no acompanhamento do ataque e alinhamento defensivo; atrasa-se sempre no alinhamento com o outro central; deixa passar muitas bolas nas costas; sai quase sempre de forma longa a jogar.

Dimensão técnica: Bom no cabeceamento; fraco na finta e 1v1.

Dimensão física: Força muscular; fraco na velocidade e resistência.

Dimensão psicológica: Confiante; agressivo

Quadro 14. Informação sobre o jogador 10.

		Data de nascimento	09/11/2003
		Posição habitual	Defesa central
		Peso (Kg)	65
		Altura (m)	1,72
			




Dimensão tática: Bom na lateralização do jogo; sobe no terreno; movimentação - se bem em campo; fecha as linhas de passe; bom para sair a jogar curto.

Dimensão técnica: Jogador dotado tecnicamente; bom no 1v1; muito bom nos livres; cabeceamento e passe longo.

Dimensão física: Velocidade; força muscular; impulsão; coordenação.

Dimensão psicológica: Bom companheiro; empenhado; com espírito de sacrifício.

Quadro 15. Informação sobre o jogador 11.

		Data de nascimento	18/09/2003
		Posição habitual	Defesa central/lateral direito
		Peso (Kg)	53
		Altura (m)	1,73
			

Dimensão tática: Bom no posicionamento em campo; joga muito perto do outro central; capacidade de sair a jogar.




Dimensão técnica: Jogador a evoluir no 1v1; bom no cabeceamento; precisa de melhorar o passe e a receção.

Dimensão física: Velocidade; pouca força muscular; boa impulsão; fraca coordenação.

Dimensão psicológica: Precisa de ganhar confiança; pouco falador.

2.3.5.4. Médios

Quadro 16. Informação sobre o jogador 12.

		Data de nascimento	16/01/2003
		Posição habitual	Pivô
		Peso (Kg)	60
		Altura (m)	1,67
			




Dimensão tática: Muito bom taticamente; posiciona-se bem no terreno mas precisa de participar mais no momento ofensivo da equipa; boa leitura tática e tomada de decisão; sabe virar o centro de jogo

Dimensão técnica: Bom cabeceamento e remate.

Dimensão física: Fraco na velocidade; força muscular; resistência; fraca impulsão.

Dimensão psicológica: Pessoa mais madura do grupo; líder; espírito de equipa e sacrifício; companheirismo; humilde; trabalhador.

Quadro 17. Informação sobre o jogador 13.

		Data de nascimento	02/04/2003
		Posição habitual	Pivô
		Peso (Kg)	65
		Altura (m)	1,70




Dimensão tática: Bom na cobertura defensiva; precisa de melhorar o seu posicionamento em campo.

Dimensão técnica: Jogador fraco no 1v1; bom no passe; dificuldade na receção.

Dimensão física: Pouca velocidade; falhas na coordenação; resistência.

Dimensão psicológica: Falta de confiança; comunica muito pouco.

Quadro 18. Informação sobre o jogador 14.

		Data de nascimento	03/01/2003
		Posição habitual	Médio direito/médio esquerdo
		Peso (Kg)	55
		Altura (m)	1,60




Dimensão tática: Posiciona-se bem em campo; sabe virar o centro de jogo; agressivo no meio-campo; dá calma ao jogo.

Dimensão técnica: Bom no 1v1 e em passes curtos; precisa de melhorar o cabeceamento no remate.

Dimensão física: Agilidade; espírito de resistência.

Dimensão psicológica: Empenhado; com espírito de equipa; concentrado e trabalhador.

Quadro 19. Informação sobre o jogador 15.

		Data de nascimento	04/12/2003
		Posição habitual	Médio direito/médio esquerdo
		Peso (Kg)	58
		Altura (m)	1,71




Dimensão tática: Dificuldade em manter a sua posição no campo; bom no 1v1.

Dimensão técnica: Bom em passes curtos.

Dimensão física: Pouca força e agilidade.

Dimensão psicológica: Esforçado e concentrado.

Quadro 20. Informação sobre o jogador 16.

		Data de nascimento	07/02/2003
		Posição habitual	Médio direito/médio esquerdo
		Peso (Kg)	60
		Altura (m)	1,69

Dimensão tática: Jogador que entende o jogo; adquire facilmente os conteúdos aprendidos no treino; bom a virar o centro de jogo; dá largura e profundidade; muito bom no momento de pressão.




Dimensão técnica: Evoluído tecnicamente e forte no 1v1; excelente qualidade de passe e receção; tem que melhorar no cabeceamento.

Dimensão física: Fraca força muscular; equilíbrio; agilidade; velocidade de reação; resistência.

Dimensão psicológica: Empenhado; exige sempre mais do exercício; trabalhador; confiante.

2.3.5.5. Avançados

Quadro 21. Informação sobre o jogador 17.

		Data de nascimento	07/02/2003
		Posição habitual	Extremo direito
		Peso (Kg)	55
		Altura (m)	1,70

Dimensão tática: Dificuldade em perceber os momentos ofensivos da equipa;




dificuldade em dar largura/profundidade quando o jogo pede para tal; bom no 2v1.

Dimensão técnica: Muito forte na finta; precisa de melhorar o passe e o cabeceamento.

Dimensão física: Jogador mais veloz do plantel; força explosiva; agilidade.

Dimensão psicológica: Empenhado; trabalhador; colabora com os treinadores e colegas.

Quadro 22. Informação sobre o jogador 18.

		Data de nascimento	31/07/2003
		Posição habitual	Extremo direito
		Peso (Kg)	45
		Altura (m)	1,55




Dimensão tática: Preocupa-se apenas no momento ofensivo da equipa; fraco na pressão ao portador da bola; bom a dar profundidade ao jogo

Dimensão técnica: Muito dotado na finta e 1v1; protege bem a bola; muito fraco no cabeceamento; bom no passe e receção.

Dimensão física: Fraca força muscular; muito veloz e ágil; resistência.

Dimensão psicológica: Brinca em demasia; destabiliza os colegas.

Quadro 23. Informação sobre o jogador 19.

		Data de nascimento	08/03/2003
		Posição habitual	Extremo direito/ Extremo esquerdo/médio direito/médio esquerdo
		Peso (Kg)	64
		Altura (m)	1,74




Dimensão tática: Posiciona-se bem no terreno; ajuda no corredor central; tem que melhorar a cobertura ofensiva; bom no momento de pressão ao lateral; bom nas diagonais para dentro e trocas posicionais.

Dimensão técnica: Muito dotado no 1v1; bom no passe e receção; fraco no remate.

Dimensão física: Forte fisicamente; força muscular; muito veloz; com resistência.

Dimensão psicológica: Trabalhador e esforçado mas tem de aceitar melhor as críticas.




Quadro 24. Informação sobre o jogador 20.

		Data de nascimento	29/01/2003
		Posição habitual	Avançado
		Peso (Kg)	60
		Altura (m)	1,73

Dimensão tática: Dá profundidade ao nosso jogo; simplifica as jogadas; tem que apoiar mais o momento ofensivo; fraco a aparecer nas zonas de finalização.

Dimensão técnica: Bom no 1v1 e no cabeceamento; muitas falhas no passe e remate.

Quadro 25. Informação sobre o jogador 21.

		Data de nascimento	21/03/2002
		Posição habitual	Avançado
		Peso (Kg)	61
		Altura (m)	1,72

Dimensão tática: Forte em movimentos de rutura.

Dimensão técnica: Bom no 2 v 1; necessita de melhorar a condução com bola.




Dimensão física: Força muscular; com alguma coordenação.

Dimensão psicológica: Esforçado e empenhado.

Dimensão física: Força muscular; muito descoordenado; corre sempre com a cabeça virada para o chão; fraca impulsão; fraca força de explosão.

Dimensão psicológica: Brincalhão e com pouca confiança.

Quadro 26. Informação sobre o jogador 22.

		Data de nascimento	01/02/2003
		Posição habitual	Avançado
		Peso (Kg)	55
		Altura (m)	1,65

Dimensão tática: Bom nas desmarcações ofensivas e a criar linhas de passe; bom a segurar jogo; fraco a dar profundidade à equipa.




Dimensão técnica: Bom no 1v1 e 2v1; fraco na finalização.

Dimensão física: Muito ágil; pouca força muscular; resistência; velocidade.

Dimensão psicológica: Jogador mais desestabilizador; desobedece aos

treinadores e aos colegas.

Quadro 27. Informação sobre o jogador 23.

		Data de nascimento	11/06/2003
		Posição habitual	Avançado
		Peso (Kg)	59
		Altura (m)	1,65

Dimensão tática: Muitas dificuldades no posicionamento em campo; joga mais em jogo interior; não dá profundidade ao jogo; atraso o jogo nas transições ofensivas.

Dimensão técnica: Bom no 1v1; fraco no passe e receção; fraco no cabeceamento. Dimensão física: Fraca força muscular; fraca coordenação; fraca impulsão.

Dimensão psicológica: Desestabilizador.

3. Realização da prática profissional

Neste capítulo do Relatório serão descritas e caracterizadas as práticas profissionais inerentes a este estágio: treinador adjunto e analista/observador do jogo de futebol. Serão abordados aspectos fundamentais da concepção desta prática profissional, ao mesmo tempo que se reflete sobre as mesmas.

3.1. O Modelo de Jogo

O modelo de jogo é o guia pelo qual toda a equipa técnica se deve orientar durante os treinos e a preparação para os jogos. Tamarit (2013, p. 10) refere: *“A Ideia de Jogo é o tipo de futebol que um treinador tem em mente e deseja que a sua equipa seja capaz de realizar. É uma conceção de jogo que cada treinador tem e que depende das experiências que este teve, sejam práticas, visionadas ou estudadas...ou inclusive, porque não, inventadas. Por tanto esta ideia de jogo pertence ao Plano Axiológico, ao plano dos valores. É fundamental que cada treinador reflita sobre o jogo que pretende e o estruture de forma lógica e coerente, criando Princípios e SubPrincípios de Jogo de acordo com a sua Ideia de Jogo”*.

3.1.1. Princípios Gerais

Dividir o campo por setores e corredores, de forma a explicar aos nossos atletas os vários momentos de jogo, bem como a organização coletiva.

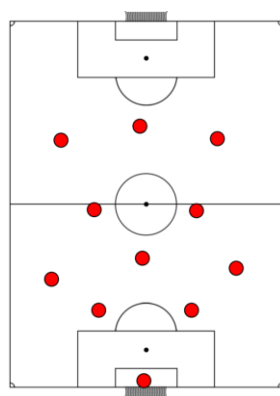


Figura 8 : Modelo de jogo - estrutura 1x4x3x3

Quadro 28: Modelo de Jogo do Juniores C (Sub-15) do Leixões SC

Organização Ofensiva
Dominar o corredor central no momento de organização ofensiva;
Utilizar preferencialmente o jogo curto, inclusive nos pontapés de baliza, privilegiando a posse de bola;
Em organização ofensiva, utilizar os corredores laterais, com intuito de procurar espaço livre, quando não é possível jogar no corredor central;
Variar o ritmo do jogo;
Na organização ofensiva privilegiar a posse de bola (o portador da bola, deverá ter sempre 3 a 4 linhas de passe (mobilidade de todos os intervenientes);
Procura constante da profundidade.
Organização Defensiva
No momento de organização defensiva, ter como primeiro objetivo recuperar rapidamente a posse de bola;
Manter a compacidade do bloco;
Intensificação do <i>pressing</i> nos corredores laterais;
Em organização defensiva, manter sempre dois jogadores em equilíbrio ofensivo
Manter a compacidade do bloco;
Intensificação do <i>pressing</i> nos corredores laterais;
Em organização defensiva, manter sempre dois jogadores em equilíbrio ofensivo.
Transição Ofensiva
Nas transições ofensivas, a prioridade é chegar o mais rápido possível ao último terço do campo;
Ter sempre 2 jogadores como referência para a ligação;
Na transição ofensiva ter um grande número de jogadores envolvidos.
Transição Defensiva:
Na transição defensiva, reagir rapidamente à perda da posse de bola;
Reorganização defensiva, no menor espaço de tempo;
Não permitir a equipa adversária, explorar os espaços vulneráveis da nossa equipa.
Esquemas Táticos Ofensivos:
Nos esquemas táticos ofensivos ter sempre um jogador de referência para bater a bola;
Envolver sempre 5 jogadores dentro da área nos cantos ofensivos, utilizando movimentos de bloqueio;
Esquemas Táticos Defensivos
Nos esquemas táticos defensivos utilizar uma marcação mista;
Manter a organização da zona média, colocando um jogador nas costas do jogador adversário que usualmente se coloca à entrada da área;
Utilizar 4 a 5 jogadores na barreira frontal e 1 a 2 (se a equipa optar por jogar curto) nas barreiras laterais;
Colocar um jogador no corredor lateral, do lado da bola, na zona mais adiantada do campo.
Nos esquemas táticos ofensivos, ter sempre dois jogadores à entrada da área (zonas médias) e dois jogadores nas zonas recuadas.

3.1.2. Macro ciclo

Na temporada de 2016/2017, a equipa de Juniores C (sub-15) do L.S.C. treinou no Complexo Desportivo do Aldeia Nova e no campo dos “Lusitanos” de Santa Cruz. Em ambos os casos, a equipa de Juniores C (sub-15) teve de partilhar o campo com outra equipa no seu horário de treino, exceto à quarta-feira que dispunha da totalidade do campo. A figura 9 revela como se organizou macrociclicamente a época 2016/2017.

Dia/Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
2	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
3	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
4	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
5	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
6	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
7	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
8	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
9	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
10	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
11	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
12	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
13	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
14	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
15	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
16	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
17	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
18	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
19	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
20	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
21	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
22	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
23	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
24	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
25	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
26	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
27	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
28	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
29	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
30	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino
31	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Treino

Figura 9 – Macro ciclo dos Juniores C (sub-)15 do Leixões Sport Club, época 2016/2017.

3.1.3. Microciclo padrão

Este microciclo padrão (Quadro 29) corresponde ao período de tempo existente entre o jogo anterior e o jogo seguinte (Domingo a Domingo). Na definição do mesmo teve-se sempre em consideração o desempenho no jogo anterior. Neste planeamento teria sido desejável que o processo de observação da equipa adversária, por mim elaborado, tivesse uma influência mais significativa no treino semanal, pelas razões que seguidamente apresento:

- à terça-feira, a palestra sobre o jogo anterior era muito superficial. Cada elemento da equipa técnica via o jogo individualmente no dia de folga, não havendo uma reunião conjunta para debater os pontos positivos e negativos. Foi dado enfoque apenas aos momentos mais importantes do jogo (golos marcados ou sofridos, comportamento da equipa/jogadores num determinado momento);
- a apresentação do relatório de observação aos jogadores deveria ser feita a meio da semana (5ª feira) permitindo maior referência com adversário durante o microciclo;
- entrega aos jogadores, do relatório de observação resumido em papel ou formato digital, pela a plataforma de telemóvel WhatsApp, acessível a todos os jogadores;
- teria sido possível a participação ainda mais ativa na planificação dos exercícios, considerando a interpretação do que havia sido o nosso desempenho anterior, nomeadamente propondo exercícios com maior representatividade/especificidade, consoante o próximo adversário, trocando ideias, ajudando no planeamento dos exercícios.

Assim, o relatório de observação (ver figura 10 e11) era mostrado à sexta-feira aos jogadores, a pedido do treinador. A justificação para tal decisão, segundo o treinador, prendeu-se com o facto de se tratar de um escalão etário jovem, privilegiando a evolução dos jogadores e o modelo de jogo. Não existia assim, grande destaque para esse trabalho, a não ser que fosse dada importância apenas aos jogadores mais preponderantes da equipa adversária, aos esquemas táticos iniciais, disposição nos esquemas táticos.

Quadro 29 – Microciclo Padrão

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
Folga	<p>Análise Jogo anterior</p> <p>Relação com bola</p> <p>Jogos reduzidos baixa complexidade</p>	<p>Tática coletiva</p> <p>Organização ofensiva e defensiva</p> <p>Grandes princípios</p>	<p>Tática setorial e intersetorial</p> <p>Subprincípios</p>	<p>Esquemas de bolas paradas (ofensivo e defensivo)</p> <p>Reflexão sobre o relatório de observação da equipa adversária</p>		Jogo



Figura 10: Relatório de observação do jogo do Vitória SC.



Figura 11: Relatório de observação do jogo do FC da Foz

Como definido no início do período preparatório, o nosso ciclo semanal de treino englobaria quatro treinos semanais (terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira) mais o jogo ao domingo.

Assim, na distribuição semanal das componentes de treino, definiu-se que o treino de terça-feira se iniciava com uma reflexão sobre o jogo anterior, onde se destacavam os pontos mais fortes mas também as fraquezas a colmatar. De seguida, o treino incidia na realização de exercícios de relação com bola e jogos reduzidos de baixa complexidade, assegurando assim a recuperação ativa dos jogadores. Perante este planeamento, atribuía-se maior importância aos treinos de quarta-feira e quinta-feira, com exercícios de situações coletivas, nunca esquecendo a função individual de cada jogador no

seu setor e assegurando o modelo de jogo. No treino de quarta-feira privilegiava-se o treino tático coletivo composto por exercícios de organização ofensiva e defensiva, variando a condicionante da igualdade/superioridade/inferioridade numérica. No treino de quinta-feira abordava-se a tática sectorial e intersectorial. Por fim, na parte inicial do treino de sexta-feira, era dado a conhecer o relatório de observação da equipa adversária, por mim elaborado. O treino propriamente dito debruçava-se principalmente nos esquemas de bola parada, ofensivos e defensivos.

Definir a construção do microciclo padrão não foi tarefa fácil. É natural existirem divergências de opiniões quando uma equipa técnica era constituída por quatro elementos que pretendiam uma melhoria constante da equipa e de certa forma privilegiar a sua função. As únicas alterações que eu realizaria, caso fosse possível, no microciclo padrão, era trocar as componentes do treino de quarta-feira pelas de quinta-feira e vice-versa e o dia da reflexão sobre o relatório de observação. Relativamente ao primeiro, face aos constrangimentos relativamente ao campo disponível para o treino e aos recursos materiais existentes, optou-se por definir assim o microciclo padrão. Este microciclo foi respeitado na sua totalidade para a elaboração dos planos semanais de treino.

3.1.4. Microciclo

O microciclo apresentado de seguida (Quadro 30) decorreu na semana de 10 a 16 de outubro. Numa primeira fase, o objetivo era recuperar os jogadores após um jogo muito intenso, principalmente a nível psicológico. Posteriormente, numa segunda fase, criaram-se exercícios de treino no sentido de melhorar três aspetos essenciais para a evolução da equipa: a manutenção da posse de bola, o jogo interior ofensivo por parte dos laterais e a mudança de atitude, de ofensiva para defensiva no momento da perda da posse de bola – “agressividade defensiva imediata”. As unidades de treinos que o representam vão ser apresentadas de seguida, seguindo-se uma reflexão crítica para cada uma delas.

Quadro 30 – Microciclo nº 12

Plano de Microciclo nº12			
Época 2016/2017			
Escalão: Juniores C (Sub-15)		Clube: Leixões Sport Club Sport Club	
Mês: Outubro			
Ciclo Semanal: 10 a 16 de outubro			
	Dia	Unidade de treino	Objetivos
2ª FEIRA	10	Folga	
3ª FEIRA	11	Treino nº 43 Campo Lusitanos 19:00h-20: 15h	Promover a recuperação física e emocional dos jogadores; Exercitar a relação com bola.
4ª FEIRA	12	Treino nº 44 Campo Aldeia Nova 19:00h-20: 15h	Exercitar a manutenção da posse de bola; Exercitar o jogo ofensivo interior;
5ª FEIRA	13	Treino nº 45 Campo Lusitanos 19:00h-20: 15h	Exercitar a mudança de atitude e agressividade defensiva.
6ª FEIRA	14	Campo Lusitanos 19:00h-20: 15h	Relatório de observação do jogo da equipa adversária. Melhorar a relação intersetorial; Exercitar esquemas táticos.
SÁBADO	15		
DOMINGO	16	Jogo da 8ª Jornada do Campeonato Nacional Leixões Sport Club - Penafiel	

3.1.4.1. Unidades de treino do Microciclo nº12

Após a apresentação e justificação do microciclo padrão e do microciclo semanal, achou-se essencial apresentar as unidades de treino de uma semana de trabalho, mostrando com maior efetivamente e com maior clareza o trabalho realizado. Optou-se por apresentar as unidades de treino do microciclo nº12,

realizado na semana de 10 a 16 de outubro de 2016, porque surgiu após uma vitória difícil sobre um adversário direto e poderia existir algum “relaxamento” por parte da equipa. Outra das razões para esta escolha prendeu-se com a introdução de mais um comportamento no momento de organização ofensiva que se pretendia implementar e ou reforçar na equipa. Torna-se agora pertinente justificar a estrutura das quatro unidades de treino que compuseram este microciclo. O treino de terça-feira foi realizado com o objetivo principal de recuperar os jogadores mais utilizados no jogo anterior e dar tempo de jogo, através de situações de jogos reduzidos, aos menos utilizados. Assim, no treino seguinte, acreditou-se que praticamente todos os jogadores estavam num estado ideal face à oposição esforço- recuperação. O treino de quarta-feira, uma vez realizado num espaço de grande dimensão era direcionado para exercícios macro, treinando fundamentalmente os grandes princípios da nossa organização ofensiva e defensiva. O treino de quinta-feira, realizado num campo de reduzidas dimensões, era pensado e elaborado para estimular a reação dos jogadores à perda de bola e a preocupação de melhorar e manter a bola em nossa posse o maior tempo possível. Neste treino o grande objetivo era melhorar o comportamento da equipa ao nível das transições (ataque-defesa e defesa- ataque). Para a equipa técnica, os momentos de transição assumem uma grande importância para se atingir uma melhor qualidade de jogo. Por fim, o treino de sexta-feira, sendo o último antes do jogo de domingo, tinha-se a preocupação de trabalhar a finalização, principalmente dos avançados, e os esquemas táticos, ofensivos e defensivos. Verifiquei que a equipa técnica detinha um conjunto de dúvidas acerca da utilização do conhecimento presente nos relatórios elaborados acerca do adversário, nos microciclos de treino. Ademais, verificou-se ao longo da temporada a ausência de um padrão semanal, quanto à importância dada à componente estratégica, o que incluir nas unidades de treino para preparar a equipa, tendo em consideração o adversário. Neste sentido realizou-se um estudo que permitiu aferir como os treinadores de elite, preparam as equipas com base na análise dos adversários.

4. Estudo de investigação: Como preparam semanalmente as equipas e os treinadores de elite a competição em função dos adversários?

4.1. Introdução

A importância que o *scouting* no Futebol tem vindo a ter ao longo dos últimos anos, incitou o aumento do número de estudos que procuram analisar os seus efeitos no desempenho de uma equipa.

O Futebol funciona como um sistema suscetível de manifestar comportamentos que, embora não pré-determináveis, são possíveis de se antecipar. O objetivo será tentar controlar o máximo de fatores possível de modo a treinar a equipa em função da vitória. As equipas adversárias são fatores extrínsecos e por isso, não sendo passíveis de modificar a favor da própria equipa, são pelo menos possíveis de conhecer e compreender. Segundo Lopes (2005, pp. 42) “*O scouting é uma modalidade particular de observação-análise que visa o objetivo de munir os treinadores de informações precisas sobre o adversário, que os capacitam para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, ou seja, preparar a equipa para todas as ocorrências e com essa preparação desenhar soluções estratégicas que permitam resolver de uma forma cada vez mais eficaz os problemas do jogo*”.

Segundo Gil (2002), as investigações em ciências do desporto têm demonstrado grande interesse nos estudos relacionados com os comportamentos dos jogadores e das equipas no universo dos jogos desportivos coletivos. O mesmo autor, destaca os realizados no âmbito da Análise do Jogo, que têm vindo a constituir-se, ao longo dos tempos, como argumentos de crescente importância nos processos de preparação desportiva.

Carneiro (2016, p. 113) num estudo recente conclui que “A Análise do Jogo, na perspectiva da análise das equipas adversárias, revela-se como um complemento estratégico importante, ao qual todos os treinadores querem aceder e, nesse sentido, torna-se fundamental que nas Estruturas Técnicas

das Seleções exista, pelo menos, um elemento responsável e com funções específicas nesta área”

Acrescenta que “O impacto que estas informações podem assumir no treino centraliza-se principalmente no plano do pormenor, ou seja, na possibilidade de atuar ao nível estratégico-tático, numa determinada situação de jogo.

A importância deste estudo emerge da escassez de estudos que realcem o impacto da observação, análise e interpretação das equipas adversárias, na preparação das equipas de elite. Um estudo que envolva esta dimensão poder-se-á tornar num exemplo de boas práticas a seguir por outros treinadores/observadores analistas.

4.2. Métodos

4.2.1. Questionário

Elaborou-se um questionário, cujo desenvolvimento e estrutura final visava assegurar a precisão e a adequação aos objetivos do sistema (medida), à população-alvo, aos conceitos que o sistema permite analisar e à seleção e inteligibilidade dos itens e respetivas definições. Deste modo, pretendeu-se que a versão final representasse um meio fundamental para conferir validade ao sistema. Pretendeu-se, também, que a estrutura do questionário garantisse que os respondentes pudessem preencher o questionário de forma faseada ou contínua.

Assim, recorreu-se aos serviços “google questionnaire”, para a elaboração de um questionário online (<https://www.google.com/forms/about/>), o qual permitiu incluir questões com imagens, acompanhar a evolução das respostas, e exportar os dados relativos às respostas em formato adequado para instrumentos de análise estatística.

O questionário foi estruturado em duas partes: 1) introdução, que incluiu a explicação dos objetivos do questionário, o agradecimento relativo à colaboração e a identificação do respondente, através das variáveis nome, idade, nível de instrução, grau de treinador, experiência enquanto treinador de Futebol (em anos) e o nível mais elevado dessa experiência, assim como a

experiência como enquanto jogador de Futebol; 2) qual o grau de importância atribuída aos diferentes indicadores nos diferentes momentos dos jogo.

Considerando os jogadores utilizados pela equipa adversária, quais os aspetos que atende prioritariamente? *

Row 1. estatuto posicional;	Column 1. 1 Nada Importante
Row 2. dimensão física;	Column 2. 2 Pouco Importante
Row 3. dimensão técnica;	Column 3. 3 Importante
Row 4. dimensão mental/ psicológica;	Column 4. 4 Muito importante

Figura 12. Exemplo de uma questão da parte 2 do questionário: grau de importância de uma categoria.

4.2.2. Peritagem

A etapa de peritagem teve como objetivo a redução do número de questões da segunda parte do questionário, no sentido de tornar a sua aplicação tão clara e célere quanto possível. Para este efeito foram selecionados dois treinadores, sendo que um deles, com grau II /UEFA B, orientava uma equipa do Campeonato de Portugal Prio e outro com grau IV, treinava uma equipa da Ledman LigaPro.

4.2.3. Aplicação dos questionários

4.2.3.1. Participantes

O processo final de validação do questionário realizou-se com o recurso a especialistas em Futebol. Para se proceder à sua seleção, utilizaram-se os critérios de Barreira *et al.* (2012), considerando-se como critério nuclear serem detentores de acreditação correspondente ao grau III de Treinador de Futebol (UEFA-A). Associado a este requisito, o perito teria que respeitar pelo menos uma das seguintes condições: (i) nível de experiência de primeira liga ou superior enquanto treinador de Futebol; (ii) formação académica igual ou superior ao grau de mestrado em ciências do desporto; (iii) experiência de elite enquanto jogador de Futebol (Quadro 31) (Barreira *et al.*, 2012).

Foi dado consentimento escrito pelos participantes entrevistados para que os nomes constassem no relatório de estágio.

Quadro 31: Resumo das principais informações acerca dos peritos

PERITO	IDADE					NÍVEL DE INSTRUÇÃO					NÍVEL DE TREINADOR	ANOS TR	NÍVEL DE EXPERIÊNCIA	DE JOGADOR DE ELITE
	20 - 30	31 - 40	41 - 50	51 - 60	+60	SEC	Lic EF	MES T	D O U T					
Carlos Carvalhal				X			X				IV	19	1ª LIGA PROFISSIONAL	X
Miguel Cardoso			X					X			IV	20	PROVAS INTERNACIONAIS	
Miguel Moita		X					X				III	9	1ª LIGA PROFISSIONAL	
José Guilherme				X				X			III	15	SELEÇÃO NACIONAL	
Marco Leite			X					X			III	10	PROVAS INTERNACIONAIS	
João Aroso			X					X			IV	22	SELEÇÃO NACIONAL	
Vitor Pereira			X				X				IV	20	PROVAS INTERNACIONAIS	
João Carlos Costa			X					X			IV		SELEÇÃO NACIONAL	
Leonardo Jardim			X				X				IV	25	PROVAS INTERNACIONAIS	

4.3. Procedimentos

Após a seleção e contacto com os treinadores selecionados, foi enviado por e-mail o *link* corresponde ao questionário online.

Os questionários foram aplicados durante os meses de fevereiro e março, à medida que ia obtendo os endereços eletrónicos de cada um dos participantes. As respostas foram quase imediatas, não tendo sido registado qualquer constrangimento no seu decorrer. O preenchimento de todos os questionários não foi presencial.

As respostas às questões estão numa escala de 1 a 5, onde o 1 é “Nada importante” e 5 “Extremamente importante”, com exceção das primeiras relativas às características pessoais de cada indivíduo.

4.4. Análise estatística

No processo de análise estatística foi utilizado o método de estatística descritiva, que fornece resumos simples sobre a amostra e sobre as observações que foram feitas. Os dados deste estudo foram recolhidos na plataforma “google questionnaire” e tratados através do *software* da mesma ferramenta. Todas as questões foram de escolha múltipla e as respostas são recolhidas de forma automática e apresentadas em forma de gráficos de

circulares e de barras.

4.5. Apresentação e discussão dos resultados

O objetivo geral deste estudo pretende analisar o impacto da observação, análise e interpretação do jogo das equipas adversárias, na preparação do treino e da competição das equipas de elite.

De seguida faz-se uma descrição e análise questão a questão, ao mesmo tempo que se procura reforçar ou contrariar as respostas dadas pelos participantes, com as ideias de alguns autores.

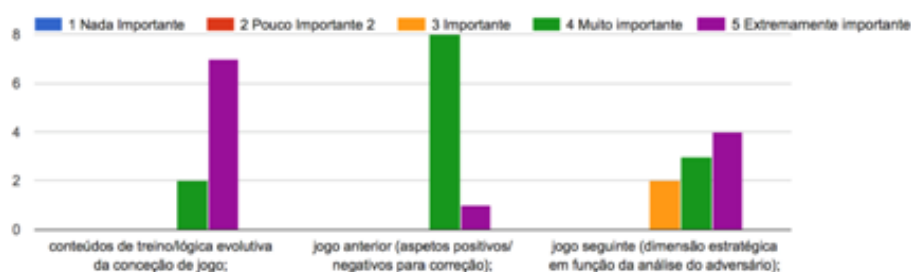


Figura 13: Respostas à questão "Quais os aspetos que considera mais relevantes na preparação do jogo seguinte?"

Pela análise do gráfico acima pode verificar-se que a grande maioria dos treinadores considera mais importante na preparação do jogo seguinte, a sua própria equipa do que propriamente o adversário. Aspetos como a melhoria do jogo da sua equipa têm prioridade sobre as correções do jogo anterior e sobre a dimensão estratégica para o jogo.

Na nossa opinião isto parece coerente pois a evolução do jogo da nossa equipa e criação de uma identidade própria, será sempre mais relevante do que alterar semanalmente os exercícios, treinos, objetivos e *feedbacks* em função do que poderemos encontrar no adversário. Isto causaria uma alteração constante das ideias transmitidas, provocando nos jogadores dúvidas e incertezas quanto ao que deveriam realizar dentro de campo. Considera-se que mais importante do que o plano de jogo pelo lado estratégico, é a criação de uma identidade de jogo com que todos se identifiquem e conheçam que poderá conduzir ao sucesso. E isso só acontece se priorizarmos quem somos, mais do

que quem vamos defrontar.

Segundo alguns autores (Wooden, 1988; Golmelski, 1990; Castelo, 1996), o treino deverá ser organizado definindo e consolidando estratégias que sobreponham os nossos “pontos fortes” aos “pontos fracos” do adversário, e que evitem que os “pontos fortes” do adversário se sobreponham aos nossos “pontos fracos”. Neste seguimento, também Ribeiro (2004), valorizam a importância do desenvolvimento de um qualquer modelo de jogo, visando visa definir as linhas orientadoras que norteiam o comportamento dos jogadores em campo no sentido de assegurar a coerência, racionalidade e inteligibilidade para os colegas de equipa, e por outro, a imprevisibilidade para o adversário.



Figura 14: Respostas à questão “Na preparação do microciclo semanal para a competição, quais os aspetos que o treinador mais valoriza?”

Observando a Figura 14, pode-se constatar de forma generalizada que os treinadores dão grande importância a todos os momentos de jogo bem com aos jogadores utilizados e dispositivos táticos apresentados. Não existe nenhum aspecto que seja negligenciado e considerado como pouco importante na análise do adversário seguinte. Numa análise mais pormenorizada verifica-se que os esquemas táticos (ofensivos/defensivos) são considerados como muito importantes por quase todos os treinadores, indo de encontro à ideia generalizada e estudos realizados sobre o assunto, de que são momentos cada vez mais decisivos no resultado final de um jogo de futebol atual. Na nossa opinião, o facto de serem momentos que nascem de situações em que a bola está parada, são por isso também mais fáceis de controlar através do treino e de exercícios específicos de modo a protegermo-nos dos pontos fortes deles e potenciarmos as debilidades que os nossos adversários possam apresentar nesses momentos. Este tipo de lances potencia um elevado número

de golos, influenciando diretamente o resultado final do jogo. Por esta razão, existem vários autores que se debruçam sobre o seu estudo. De acordo com Ensum *et al.* (2000), citado por Barreira (2006) uma considerável quantidade de publicações tem revelado que as “situações de bola parada” são um meio crucial para a marcação de golos no futebol. Nesses mesmos estudos constatou-se que cerca de 25% a 35% dos golos são marcados, quer direta quer indiretamente, através de “situações de bola parada”.

É de salientar que os dispositivos táticos que os adversários possam apresentar possuem grande relevância para os treinadores. Este aspeto considera-se relevante pois através do mesmo podem-se definir espaços a aproveitar pela nossa equipa, procurar a superioridade numérica pelo número de jogadores a aparecer em determinadas zonas, referenciais e zonas de pressão, entre outras alterações estratégicas. Nos valores relativos à organização defensiva e transição ofensiva pode-se também inferir que, apesar da diferença de valores não ser grande, os treinadores orientam mais a sua observação para o momento em que está a defender e o que faz com a bola imediatamente a seguir a recuperá-la.

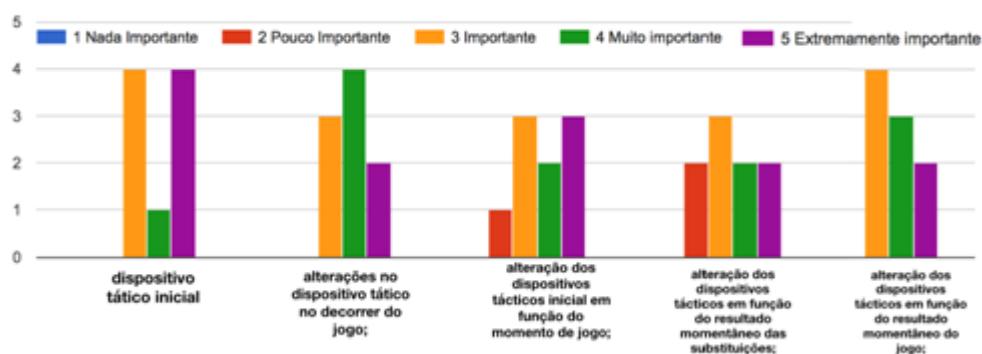


Figura 15: Respostas à questão “Relativamente aos dispositivos táticos, quais os aspetos que considera mais relevante para a preparação do jogo seguinte?”

Na figura 15 pode verificar-se que existe uma grande variação naquilo a que os treinadores envolvidos neste estudo dão mais relevância acerca dos dispositivos táticos que os adversários possam apresentar. Esta situação pode estar relacionada com a personalidade de cada treinador e as suas ideias ao entrar num jogo. Como constatamos anteriormente, a grande maioria

considerava como sendo muito importante, os dispositivos táticos que os adversários costumam apresentar, sendo que durante o jogo alguns dão mais relevância às alterações em função do momento de jogo ou após alterações no resultado.

Salienta-se o facto de haver treinadores que dão pouca importância a essas alterações após substituições no adversário. Na nossa opinião isto parece-me algo contraditório, pois como se pode verificar no gráfico anterior foi dada bastante importância a este momento. Sendo assim, não podemos depois relativizar durante o jogo alterações inerentes ao mesmo e que possam ter influência sobre as dinâmicas ocorridas durante o jogo.

Vários estudos confirmam que a performance dos jogadores/equipas varia em função do resultado do jogo (Lago, 2009; Taylor, 2008). O facto de estar em vantagem ou desvantagem no marcador pode causar alterações no plano estratégico pré-estabelecido pelo treinador.

Segundo Moutinho (1993), na observação do jogo deve-se caracterizar e avaliar os padrões observáveis em contexto competitivo, tanto do ponto de vista coletivo como individual e na forma como estes se manifestam. Esta análise tática é conseguida através da identificação, da organização espacial dos jogadores no campo face às circunstâncias da partida relativa às movimentações da bola e às alternativas de ação, tanto dos companheiros como dos adversários (Duprat, 2007). A análise assente numa perspetiva tática, confere um destaque especial às movimentações dos jogadores e ao respetivo posicionamento no campo, que se refletem na capacidade de ocuparem e/ou criarem espaços livres em função dos princípios táticos adequados aos diferentes momentos do jogo (Garganta, 2009). O mesmo autor considera os princípios táticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos das situações que defrontam. Uma vez entendidos e adotados pelos jogadores, auxiliam a equipa no melhor controlo do jogo, na qualidade da posse de bola, na gestão do ritmo do jogo, nas tarefas defensivas, nas transições entre fases e, na procura facilitada do golo.

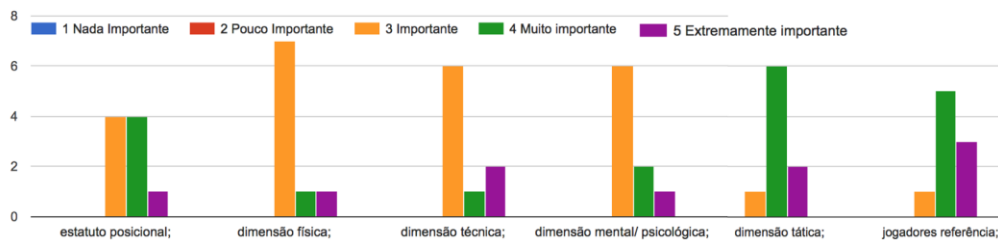


Figura 16: Respostas à questão “Considerando os jogadores utilizados pela equipa adversária, quais os aspetos que atende prioritariamente?”

Como podemos observar acima, dentro das 4 dimensões apresentadas aquela a que os treinadores dão mais relevância é a dimensão tática. Pensamos que isto acontece porque, atualmente, e talvez seja o caso dos treinadores questionados, a análise qualitativa dos momentos do jogo é a base para a construção dos exercícios e para a realização de um jogar de uma identidade. Embora não descorem a importância de todas as outras, esta dimensão tem mais preponderância na análise do adversário e mais especificamente dos jogadores utilizados. Esta escolha poderá também estar relacionada com os possíveis movimentos utilizados por determinados jogadores, as suas zonas de influência e as relações que possam ter com outros jogadores em determinadas situações do jogo. Isto é algo que os treinadores podem controlar mais facilmente, alertando os jogadores através da preparação para o jogo, do que propriamente todas as outras situações de carácter mais individual. Como é óbvio, também dão bastante relevância aos jogadores referência do adversário, sendo que neste caso consideramos ter a ver com o facto de poderem tentar minimizar os pontos fortes de determinado jogador e explorar os pontos fracos de outros. Sendo a capacidade tática como um dos fatores que determina o desempenho da equipa/jogadores será responsável por distinguir a vitória da derrota principalmente quando as duas equipas em confronto se encontram em patamares de desempenho semelhante.

Estas ideias são corroboradas por Bauer e Ueberle (1988) *cit in* Sousa (2002) que dizem que a eficiência e a eficácia dos jogadores e das equipas dependem em larga medida do saber tático. Concordando com esta afirmação Garganta (2000), afirmou que todos os fatores, quer técnicos, quer físicos, quer psicológicos, surgem em prol de desempenhos táticos de nível ainda mais elevado.

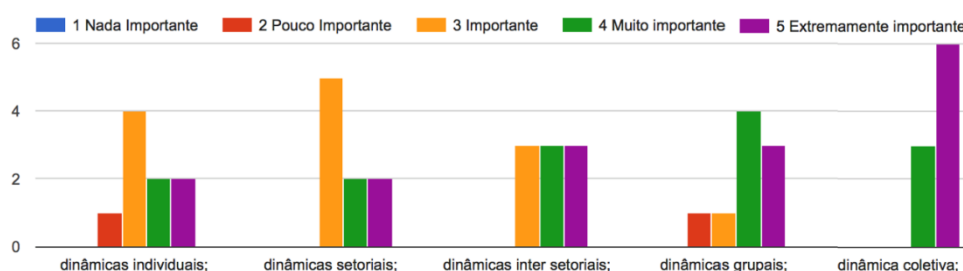


Figura 17: Respostas à questão “Quais as dinâmicas relativas ao momento de organização ofensiva que considera mais relevantes?”

Como se constata no gráfico acima, existe uma grande diversidade de respostas dentro de cada dinâmica apresentada. Realça-se o facto de todos os treinadores considerarem muito ou extremamente importante as dinâmicas colectivas do adversário, mais do que sub-dinâmicas que possam apresentar. Conclui-se que neste aspecto os treinadores estão mais atentos aos princípios de jogo ofensivos coletivos da equipa, como por exemplo se é uma equipa que procura um jogo mais em posse ou mais direto, se procura mais os corredores laterais ou o corredor central para criar situações de finalização, do que as pequenas interações que possam ocorrer entre os diferentes jogadores ou sectores. Apesar disso considera-se importante referir que dentro dessas interações, os treinadores dão mais importância às dinâmicas grupais do que à sectorial ou inter sectorial. Este aspecto é relevante pelo facto de se dar mais valor às pequenas combinações que possam existir entre alguns jogadores (ex. corredor direito: interação entre o lateral direito, extremo direito e médio interior direito) do que entre os sectores em geral. Isto acontece porque num jogo de futebol o que poderá criar desequilíbrios ou dificuldades num adversário são

mais interações entre 2/3 jogadores de ambas as equipas do que propriamente entre dois sectores adversários (ex. linha de 4 defesas e o sector intermédio).

No entanto, tal como afirma Castelo (1994), num jogo de futebol um jogador dificilmente terá sucesso frente a um ataque ou defesa coletiva se agir sozinho, por melhores que sejam as suas capacidades. Logo, a performance coletiva tem maior importância no sucesso de uma equipa do que a performance individual.

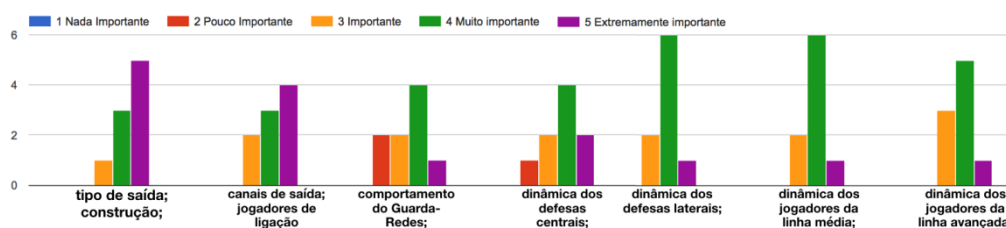


Figura 18 : Respostas à questão “Na etapa de construção do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”

Ao analisar a figura 18, constata-se que os treinadores de elite atribuem mais grande importância na etapa de construção, aos tipos e canais de saída, do que às dinâmicas dos vários jogadores e sectores envolvidos especificamente. No nosso ponto de vista, esta opção estará diretamente relacionada com o facto de os treinadores serem capazes de identificar a forma como os adversários iniciam o seu momento ofensivo; por que zona/corredor procuram mais vezes sair; quais os jogadores que por norma se envolvem mais nesta fase; e quais os movimentos utilizados pela equipa para criar espaços no adversário conseguindo começar com qualidade e/ou segurança a sua construção. Ao conseguirem analisar estas situações eles poderão ser capazes de prevenir os tipos de saída, contrariar os canais de utilização empregados e aproveitar alguma debilidade apresentada pela equipa adversária nesta fase.

Tal como refere Garganta (1997), o método de jogo ofensivo) representa a forma geral de organização dos jogadores no ataque, estabelecendo um conjunto de princípios que visam a racionalização desse processo ofensivo, para assegurar a manutenção e a progressão/finalização da posse de bola.

Segundo o mesmo autor, para entendermos e observarmos da melhor forma como uma equipa e os seus jogadores desenvolvem o processo ofensivo, ou seja o método de jogo utilizado, deveremos considerar todo o processo.

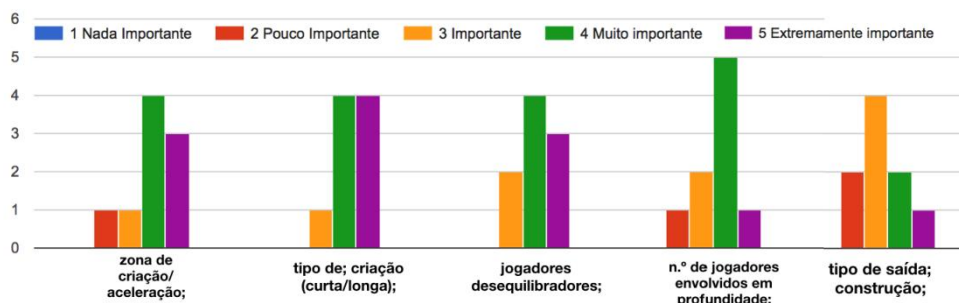


Figura 19 Respostas à questão “Na etapa de criação do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”

Pela análise do gráfico acima, verifica-se uma analogia com o gráfico da figura 18, ou seja, a maioria dos treinadores considera muito importante as zonas e tipos de criação, bem como aos jogadores que mais desequilibram, não dando tanta relevância às suas habilidades técnicas. Na continuação da resposta ao gráfico acima, esta situação acontece pelo facto dos treinadores enquanto agentes passivos do jogo em si, apenas conseguirem intervir naquilo que são os *feedbacks* e orientações que dão aos seus jogadores daquilo que o adversário costuma fazer e qual a estratégia que eles devem utilizar para contrariar esse determinado padrão observado. O número de jogadores no momento do ataque é tido como muito importante, uma vez que, segundo trabalhos de alguns autores (Dufour, 1993; Jinshan *et al.* 1993; Castelo, 1996; Olsen & Larsen, 1997), uma grande percentagem de últimos passes surgiram das zonas laterais do terreno de jogo. Outros (Cabezón e Fernández, 1996 e Barros, 2002) mencionam que uma grande parte dos golos marcados é resultado dos últimos passes efectuados no corredor central do campo. Não obstante, entende-se que quanto mais próxima da baliza contrária a equipa conseguir jogar, maior a probabilidade de conseguir criar situações de golo.

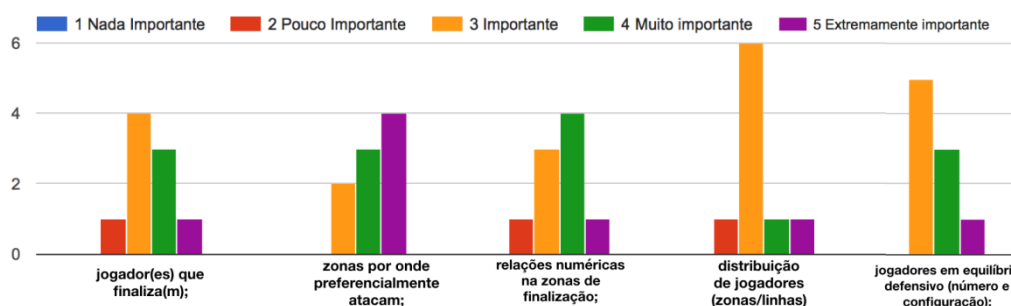


Figura 20: Respostas à questão “Na etapa de finalização do momento de organização ofensiva, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”

Tal como havíamos constatado na análise ao gráfico da figura 20 referente à etapa de criação, onde os treinadores de elite dão ênfase às zonas e tipos de criação, parece-nos evidente que na etapa de finalização os treinadores atribuem também destaque às zonas por onde as equipas adversárias atacam. De igual modo, questões relacionadas com as relações numéricas na zona de finalização, são também um aspeto ao qual os treinadores dão importância. No nosso ponto de vista esta escolha pode estar relacionada com a preocupação acerca do número de jogadores que as equipas colocam em uma determinada zona, por ser uma zona preferencial de ataque, ou por procurarem ter superioridade numérica nessa mesma zona.

Verificamos também que a importância dada aos jogadores em equilíbrio defensivo e a sua configuração, estará certamente relacionada com o momento de transição defensiva, algo que cada vez mais os treinadores de elite reconhecem como sendo um dos momentos cruciais, pois é o momento em que se encontram os adversários desequilibrados. Dessa forma, pode-se verificar no gráfico seguinte (Figura 21), que os treinadores procuram naturalmente os desequilíbrios do adversário no momento da perda da bola, para dessa forma explorarem essas lacunas.

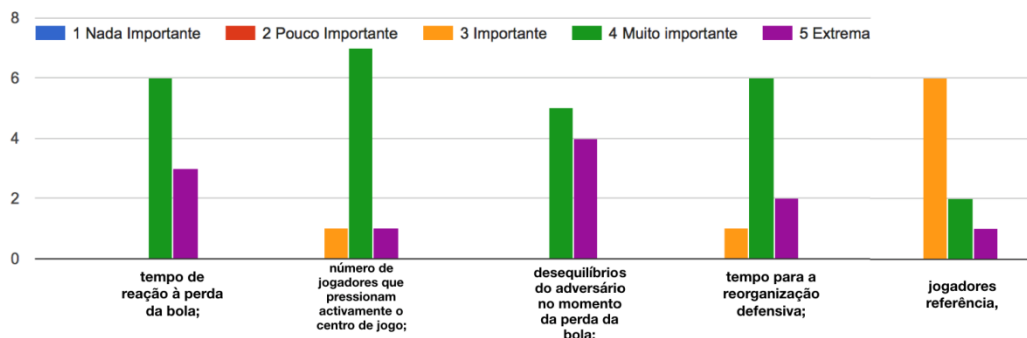


Figura 21: Respostas à questão “Quais os indicadores relativos ao momento de transição defensiva que considera mais relevantes? ”

Excluindo o item de jogadores de referência, podemos constatar que todas as outras hipóteses merecem atenção dos treinadores, justificando uma vez mais a importância atribuída aos treinadores neste momento do jogo. Com a evolução nas metodologias de treino e qualidade de jogo da maioria das equipas, estes momentos de transição tornam-se cada vez mais importantes pelo facto de possibilitarem desequilíbrios no posicionamento colectivo do adversário. A exploração deste momento é assim algo que os treinadores prestam cada vez mais atenção quando analisam a equipa que vão defrontar, no sentido de aproveitar erros posicionais, zonas livres ou falhas no *timing* da transição defensiva.

As equipas que melhor interpretam os momentos de transição são aquelas que dominam os jogos e, não esquecendo a inteireza patente no jogo colectivo de uma equipa, acredita que estas equipas são as que conseguem ganhar mais frequentemente. É no aproveitamento de transições intensas e fortes, bem como das bolas paradas, que ocorrem grande parte dos golos. Oliveira (2006) também considera que muitas situações de perigo e golos acontecem nos momentos de transição. Vai mais além quando afirma que o golo acontece pelo facto das equipas não estarem equilibradas em organização ofensiva e não terem comportamentos para que a transição seja feita rapidamente e consiga reequilibrar a equipa.

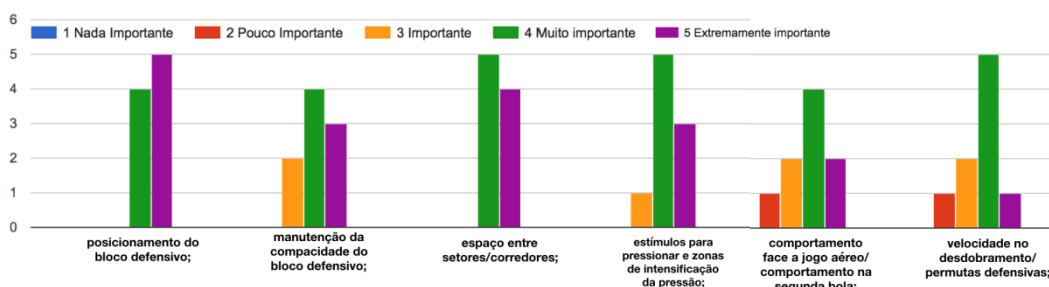


Figura 22: Respostas à questão “Quais os comportamentos relativos ao momento de organização defensiva que considera mais relevantes? ”

Numa primeira análise destaca-se a elevada importância que os treinadores dão ao posicionamento do bloco defensivo. No seguimento da ideia passada no gráfico anterior, o momento de organização defensiva de uma equipa é cada vez mais difícil de ser superado. Assim ao observar este momento, os treinadores procuram uma análise ao posicionamento do bloco, ou seja, se é uma equipa que procura um bloco alto, médio ou baixo, o que estrategicamente pode alterar a forma como a equipa vai explorar o seu momento ofensivo. O outro aspecto a realçar é a importância dada na análise do adversário ao espaço entre sectores, pois sabendo onde se pode aproveitar esses espaços dentro do bloco defensivo, pode-se conduzir a um contínuo desequilíbrio no posicionamento individual dos jogadores, ao surgimento de mais espaços e por consequência uma criação mais clara de situações de finalização.

Relativamente ao espaço entre sectores, Castelo (2009) afirma que o processo defensivo constitui-se como a fase fundamental do jogo, na qual uma equipa procura a defesa da baliza e a recuperação de posse de bola. O objetivo da defesa passa por restringir o tempo e o espaço disponível aos atacantes impossibilitando-lhes a identificação de possibilidades de ação para a sua progressão no campo e consequentemente a obtenção de golo. Castelo (1996, pp.159) afirma ainda que “o objetivo básico da defesa é de restringir o tempo e o espaço disponível dos atacantes, mantendo-os sobre pressão e negando-lhes a possibilidade de progredir no terreno de jogo.”

Outro dos aspetos relaciona-se com a importância do *pressing* e zonas de intensificação de pressão onde nos parece importante referir que definição

da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola estão certamente equacionadas em função do padrão de jogo ofensivo da equipa.

Tal como afirma Amieiro (2004, pp. 200) “a definição da(s) zona(s) onde se procurará recuperar a bola deve ser equacionada em função do “padrão de jogo ofensivo” desejado, como em função das características dos jogadores”.

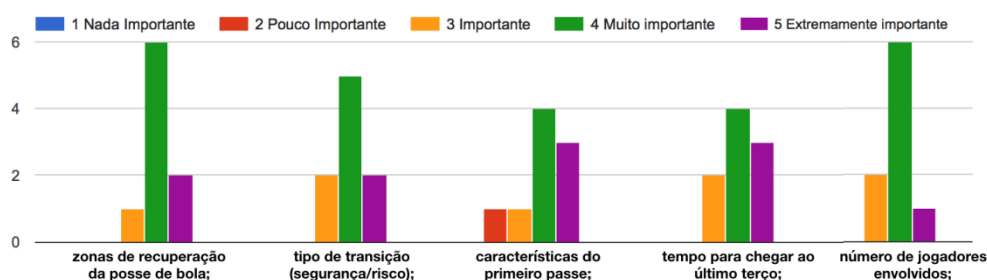


Figura 23: Respostas à questão “Quais os indicadores relativos ao momento de transição ofensiva que considera mais relevantes? ”

Como se pode verificar no gráfico da Figura 23, os treinadores atribuem muita importância a todos os itens, dando especial destaque ao número de jogadores envolvidos, às zonas de recuperação da posse de bola e às características do primeiro passe. Relativamente a este último aspeto, tal como afirma Oliveira (2006), quando se ganha a posse de bola, caso seja possível, esta deve entrar jogável no jogador que se encontra à frente da zona de recuperação da bola. Ou seja, logo que exista um passe em profundidade, que só deve ser feito se não for um passe de risco. Se tal não for possível, o objetivo será que a bola saia da zona de pressão, ou seja, saia da zona onde esta foi recuperada.

Por fim, parece-nos também importante que a equipa chegue ao último terço do campo, tal como afirma Ferreira (2003) dizendo que têm mais sucesso as equipas que mais rapidamente conseguem, com eficácia, diminuir o tempo de transição defesa - ataque e ataque – defesa, isto é, aquelas que se preparam para defender quando atacam e começam a atacar aquando da perda da posse de bola.

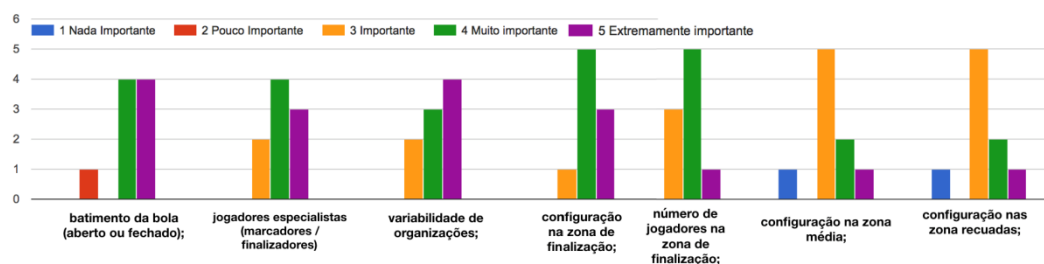


Figura 24: Respostas à questão “Nos esquemas táticos ofensivos, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”

Como podemos observar no gráfico da Figura 24, os treinadores focam mais a sua atenção na forma como a bola é batida para a área, podendo alterar as potenciais zonas onde ela pode cair e por consequência de uma forma estratégica de condicionar o posicionamento dos seus jogadores neste momento.

Os jogadores alvo/referência são um factor considerado importante, pois por norma existem sempre jogadores que são mais fortes no jogo aéreo e ataque à bola. Por esta razão, na observação do adversário procura-se identificá-los para assim procurar minimizar as suas forças seja através de um *feedback* específico aos seus jogadores seja através de uma opção estratégica individual.

Outro aspecto relevante neste momento tem a ver com a importância e atenção dada às dinâmicas específicas, movimentos combinados ou jogadas trabalhadas que o adversário pode realizar, pois o objetivo de qualquer treinador é estar o melhor preparado para minimizar a variabilidade existente num jogo de futebol. Segundo Hughes (1994), parece que cada vez mais os jogos mais importantes são decididos através de golos que surgem direta ou indiretamente de lances bola parada. No que diz respeito a aspectos importantes para a marcação deste tipo de lances, Bonfanti & Pereni (1998) consideram quatro aspectos, que são: a importância do jogador que executa a marcação (precisão, antecipação da jogada, rapidez em encontrar soluções alternativas, rápida comunicação). Existem ainda outros aspectos essenciais a serem tidos em consideração, como são o caso da organização da jogada, a

surpresa e possibilidade alternativa, explorar as capacidades de um jogador, explorar as fraquezas de um adversário, lapsos de concentração durante os primeiros e últimos minutos de jogo, firme confiança na marcação de gol.

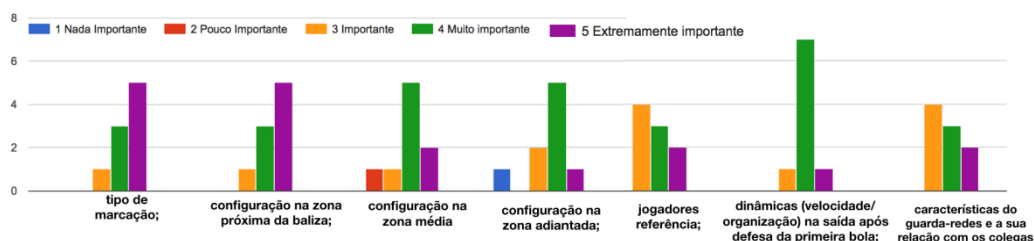


Figura 25: Respostas à questão “Nos esquemas táticos defensivos, qual o grau de importância que atribui aos seguintes indicadores? ”

Neste gráfico (Figura 25) podemos verificar a importância que os treinadores de elite atribuem aos tipos de marcação efetuados nos esquemas táticos defensivos.

Destaca-se o tipo de marcação, a configuração na zona próxima da baliza e as dinâmicas na saída após defesa da primeira bola. Neste seguimento e corroborando esta ideia Castelo (1996) diz-nos que os objetivos fundamentais do processo defensivo são a recuperação da posse de bola e a defesa da baliza. O respeito por estes objectivos pressupõe que, a organização do dispositivo defensivo determine a divisão das tarefas e funções individuais, a sua organização por sectores, as regras específicas de colaboração entre os jogadores e entre os sectores da equipa. Pereira (2008) realça ainda a importância dos jogadores e das equipas poderem tirar o máximo proveito possível dos lances de bola parada, pois estes constituem-se como uma das principais vias para a obtenção de golos.

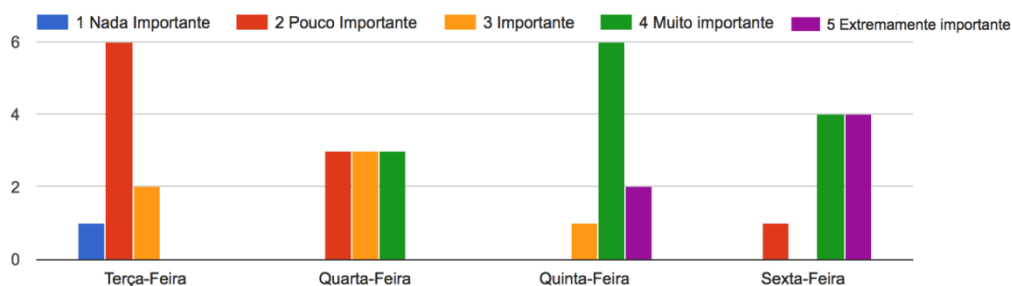


Figura 26: Respostas à questão “No microciclo ilustrado na figura, refira qual o grau de importância que atribui à inclusão da dimensão análise do adversário nas tarefas a propor aos jogadores/equipas em cada dia. ”

Neste gráfico (Figura 26) podemos constatar que os treinadores de elite optam preferencialmente por transmitir informações acerca do adversário, entre quinta e sexta-feira, ao invés do início da semana. Na nossa opinião, para além da preocupação natural que existe no início do microciclo em que os jogadores recuperem física e mentalmente do esforço do jogo anterior, não nos parece que seja muito produtivo falar muito do adversário de forma tão específica logo no início da semana, daí concordarmos que seja mais adequado guardar essa informação mais para o fim do microciclo e apostar mais na evolução do nosso modelo e das nossas ideias nos primeiros dias.

4.6. Conclusões

Após a implementação, análise e reflexão acerca dos resultados deste estudo pode concluir-se que:

- A observação/análise do jogo assume-se como preponderante para a preparação das equipas de elite;
- A análise do jogo, considerando a equipa adversária, é uma estratégia utilizada e considerada importante na preparação das equipas para o jogo seguinte;
- As informações transmitidas são definidas como um importante complemento de conhecimento sobre as características das equipas adversárias para os treinadores;
- Os dados recolhidos são utilizados no treino essencialmente na

possibilidade de atuar ao nível estratégico e tático, numa determinada situação de jogo;

- Os dados recolhidos após a observação da própria equipa e da equipa adversária são utilizados em momentos diferentes durante o microciclo semanal (a análise adversário tem lugar nos dias de treino mais próximos do jogo);
- Os treinadores têm em conta 5 momentos de jogo distintos: Organização Ofensiva, Transição Defensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva e Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Percebemos que a evolução que houve no Futebol nos últimos 20 anos fez com que a importância que existia nos 4 momentos de jogo (Organização Defensiva e Ofensiva, Transição Defensiva e Ofensiva) é agora também repartida com o 5º momento relativo aos esquemas estáticos ou bolas paradas.

Teria sido interessante ter incluído nos questionários, participantes com funções únicas e exclusivas de observador/analista. Poderia saber-se se utilizam observações diretas ou indiretas ou ambas; como recolhem, seleccionam e apresentam a informação à equipa e quais instrumentos usam.

No final conseguimos perceber que os treinadores sentem cada vez mais uma necessidade que exista uma identificação qualitativa e coletiva no processo de observação e análise de jogo em detrimento de estatísticas e aspectos mais individuais.

Sinto verdadeiramente a força que tem o “trabalhar da própria equipa” o “exercitar as nossas ideias” em detrimento de outros aspectos, sejam a definição de estratégia relativamente ao próximo adversário ou até correção de erros cometidos anteriormente.

A realização deste trabalho foi muito importante para o meu crescimento nesta área, não só pelos resultados obtidos, em muitos aspectos até de difícil análise, mas mais pelas vivências e relação privilegiada que tive com alguns dos treinadores que responderam ao questionário. Foi sem dúvida enriquecedor por cada hora passada a falar de Futebol e dos seus meandros mais específicos.

4.7. Referências

- Amieiro, M. (2004). Defesa à «zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Barreira, D.; Garganta, J; Prudente, J. (2012). Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em Futebol: SoccerEye. Consultado em 21 agosto de 2017, disponível em http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2012-3/02.pdf
- Barreira, R. (2006). *Análise dos pontapés de canto ocorridos durante o Europeu 2004*. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barros, L. (2002). *Estudo descritivo das sequências ofensivas positivas finalizadas pelo Brasil, Seleção Campeã do Mundo, durante o Campeonato Mundial Coreia/Japão 2002*. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bezerra, P. (1995). *Análise do comportamento do jogador com bola no futebol. Estudo de uma equipa de alto rendimento no Mundial de Sub-20*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bonfanti, M. & Pereni, A. (1998). *The Complete book of soccer restart plays*. Spring City, Pennsylvania: Reedswain Inc.
- Cabezón, J.M. e Fernández, J. (1996). *La mappa del gol. Notiziario settore tecnico – figd, 4:16 -21*.
- Carneiro, J. (2016). *O modus operandi de um Analista do Jogo de Futebol*. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de

Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Carvalho, C. (2006). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Castelo, J. (1994). *Futebol – Modelo Técnico-Tático do Jogo*. Edições FMH.

Castelo, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo*. Lisboa: Edição do autor.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização dinâmica do jogo*. Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Costa, H (2005). *Análise do jogo em Futebol – caracterização do processo ofensivo da seleção Alemã Sénior de futebol feminino - Estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. UTL – FHM.

Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Muller, E. (2009). *Relação entre a Dimensão do Campo de Jogo e os Comportamentos Táticos do Jogador de Futebol*. Revista Brasileira de Educação Física e Desporto.

Dufour, W. (1993). *Computer- assisted scouting in soccer. In Science and Football II: 160 – 166. Proceedings of the second Worldcongress so Science and Football*. Eindhoven. Netherlands, 1991. T. Reilly, J. Clarys & Stibbe (EDS.) E.. F. N. Spon. London.

Duprat, E. (2007). *Enseigner le football en milieu scolaire (collèges, lycées) et au club*. Paris: Editions ACTIO.

Frade, V. (2007). *Apointamentos de treinos de Metodologia de Alto-Rendimento I - Opção de Futebol (não publicado)*. Porto: Faculdade de

Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do futebol. Estudo da organização ofensiva de equipas de alto nível de rendimento*. Porto: J. Garganta. Dissertação de Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto na Universidade do Porto.

Garganta, J. (2000). *Análisis del juego en el fútbol. El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos. Entrenamiento Deportivo*, XIV(2), 5-14.

Gil, A. (2002). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4a ed. São Paulo: Editora Atlas.

Gomelski, A. (1990). *La direccion del equipo*. Madrid, Editorial Hispano.

Hughes, C. (1994). *The Football Association Coaching Book of Soccer Tactics and Skills*. London: British Broadcasting Corporation and Queen Anne Press.

Inácio, A. (2004). Entrevista a Amieiro, N. (2004). In «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Porto: N. Amieiro. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Jinshan, X.; Xiaoke, C.; Yamanaka, K. & Matsumoto, M. (1993). *Analysis of the goal in the 14th World Cup. In Science and Football*. 203 - 205. T. Reilly, J. Clarys & Stibbe (EDS.) E.. F. N. Spon. London.

Lago, C. (2009). The influence of match location, quality of opposition, and match status on possession strategies in professional association football. *Journal of Sports Sciences*, 27(13), 1463–1469. Mombaerts, E. (1991). *Football, de L'analyse du jeu à la formation du joueur*. Ed.

Actio. Joinville-Le-Pont. France.

Lopes, R. (2005). *O Scouting em Futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação do adversário*. Porto: Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Moutinho, C. (1993). *Construção de um sistema de observação e avaliação da distribuição em voleibol, para equipas de rendimento*. Porto: Carlos Moutinho. Dissertação de Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica apresentada a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

O'Donoghue, P. (2009). Interacting Performances Theory. *International Journal of Performance Analysis in Sport.*, 9(1), 26–46.

Olsen, E. & Larsen, O. (1997). Use of the match analysis by coaches. In proceedings of the third World Congress of Science and Football: 209 – 220. T. Reilly, J. Clarys & Stibbe (EDS.) E.. F. N. Spon. London.

Oliveira, J. G. (2006). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Pereira, B. (2008). *Eficácia da acção ofensiva nos pontapés de canto em futebol – Análise comparativa entre padrões estáticos e padrões dinâmicos, no Campeonato do Mundo de Futebol Alemanha 2006*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ribeiro, M. & Volossovitch, A. (2004). *Andebol 1: O ensino do Andebol dos 7 aos 10 anos*. FMH Edições.

Sarangji, S. & Unlu, E. (2010). *Key Players in Teams: A Network Approach*

Using Soccer Data. 1-27.

Sousa, P., Garganta, J., & Fonseca, A. (2002). Perfil de prestação do ponta de lança de alto rendimento em futebol. Comparação do comportamento tático-técnico do jogador com a perceção do treinador.

Taylor, J. (2008). The influence of match location, quality of opposition, and match status on technical performance in professional association football. *Journal of Sports Sciences, 26(9)*, 885 – 895.

Wooden, J. (1988). *Practical Modern Basketball*. New York: McMillan Publishing Company.

5. Desenvolvimento Profissional

A realização do estágio profissionalizante ao serviço do Leixões Sport Club juniores C contribuiu de forma significativa para o meu crescimento como profissional no mundo do Futebol, mas também como pessoa. Por um lado, foi possível conhecer mais acerca de toda a envolvimento deste desporto, por outro consegui evoluir tanto a nível de conhecimento como de relacionamento com outras pessoas e superar-me perante as adversidades e exigências.

Conciliar o trabalho de treinador-adjunto com o trabalho de observador/analista, tornou-se muitas vezes uma tarefa delicada pois se por um lado, como treinador ainda que adjunto teria que me relacionar de forma mais “íntima” com os jogadores da equipa, tinha também que me tornar isento e tentar excluir-me de emoções, para que o meu trabalho como observador/analista fosse o mais objetivo e imparcial possível. A observação das equipas adversárias tornou-se, assim, uma tarefa mais acessível.

A minha experiência prévia como observador/analista era nula, apesar de ter sido sempre uma área de meu interesse. Como treinador, apesar de já ter treinado várias equipas, inclusive de futebol feminino, após esta experiência, ganhei a certeza de que é como observador/analista que pretendo direccionar o meu futuro profissional.

No que diz respeito ao estágio propriamente dito, senti algumas dificuldades iniciais no relacionamento com alguns atletas, talvez por ter experiência com jogadores mais novos. As características próprias da adolescência, com uma constante necessidade de afirmação perante os outros e mudanças repentinas de humor, obrigou-me a moldar a minha atitude perante os jogadores. Ao mesmo tempo que tinha de manter uma postura de autoridade e firmeza, tive de mostrar flexibilidade e compreensão perante diversas situações. Confesso que em alguns momentos a proximidade foi excessiva, contribuindo para que alguns jogadores se excedessem. Esse facto obrigou-me a reformular a minha estratégia de atuação de forma a reconquistar o respeito sem que houvesse a perda da confiança no meu trabalho.

Estes obstáculos acabaram por tornar mais sábio na forma como saber

lidar com diferentes faixas etárias e adaptar-me aos contextos em que estou inserido.

O trabalho desenvolvido com a restante equipa técnica, ao longo da época desportiva foi igualmente um fator catalisador para o meu crescimento. Tive a oportunidade de aprender diferentes técnicas de treinar uma equipa, de observar em vez de ver e de realizar diferentes tarefas em simultâneo. Todos, sem exceção, me fizeram evoluir pela aprendizagem que me proporcionaram através das sessões de treino, das discussões mantidos, pelas críticas construtivas ou até pela análise que eu fui realizando das suas ações ao longo da época desportiva. Não obstante, devo referir que gostaria que o meu trabalho como observador/analista das equipas adversárias tivesse sido mais empregado no processo de treino, uma vez que apenas na sexta-feira anterior ao jogo de domingo, era dado a conhecer aos jogadores o relatório da observação.

Antes da realização deste estágio profissionalizante, sabia de forma geral como se efetuava a preparação e organização de uma equipa de juniores a competir num nível elevado, dentro do futebol de formação. Todavia, a oportunidade de poder vivenciar uma época inteira dentro desta realidade deu-me uma noção muito mais profunda e completa do que deve ser esse trabalho. Outro obstáculo que tive de ultrapassar prendeu-se com o conseguir lidar com a insatisfação dos pais perante a pouca utilização dos seus filhos durante o campeonato.

Outro dos aspetos menos positivos que me deparei foi a ausência de um coordenador técnico durante um período significativo de tempo devido à instabilidade diretiva que o clube atravessou. Nesse período de tempo não existiu inclusive um diretor geral para a gestão da formação o que dificultou muitas vezes a concretização de tarefas diárias, nomeadamente, nos espaços de treino, aquisição de material e burocracias relacionadas com os jogadores. Por estas razões, a gestão destas situações ficou a cargo da equipa técnica bem como para o diretor da equipa.

O principal objetivo traçado no início da temporada era alcançar o apuramento da segunda fase do campeonato Nacional de Juniores C (Sub-15).

Esse objetivo foi alcançado, tendo nós obtido a classificação do terceiro lugar.

Como primeiro contacto com o campeonato nacional de juniores julgo que os resultados obtidos foram satisfatórios proporcionaram uma experiência positiva a todo o grupo.

Relativamente à revisão da literatura, pude adquirir e expandir conhecimentos sobre a análise, observação e interpretação do jogo de futebol e também a oportunidade de debater e até por em prática algumas noções adquiridas.

O desenvolvimento do estudo foi uma experiência muito interessante, e que me deixa mais seguro de que esta abordagem poderá ser bastante útil.

A realização deste estágio proporcionou-me novas vivências dentro de uma equipa de Futebol, permitindo-me crescer como pessoa, como treinador e observador/analista. Como reconhecimento do bom trabalho efetuado, fui convidado pela nova direção que entretanto tomou posse, para dar continuidade ao trabalho desenvolvido, desta vez no escalão de Juniores B (Sub-17), assim como para desenvolver o departamento de *scouting* do Leixões Sport Club. Recentemente fui convidado para incluir um projeto de analista na Associação Desportiva de Fafe, para o plantel Sénior.

6- Conclusões e perspectivas futuras

6.1. Conclusões

Neste ponto do relatório serão destacadas, em jeito de síntese os aspetos fundamentais provenientes da experiência enquanto treinador-adjunto e observador/analista estagiário, na equipa de Juniores C (Sub-15) do Leixões Sport Club.

Iniciei o estágio em agosto de 2016 com um forte espírito de compromisso, vontade de aprender e colaborar. A elaboração deste relatório teve como objetivo mostrar a forma de trabalhar, e acima de tudo, de pensar, da equipa técnica da equipa de Juniores C (Sub-15) do Leixões Sport Club. Saliento a preocupação de toda a equipa técnica, na promoção do desenvolvimento dos nossos jogadores tanto a nível futebolístico como a nível social.

No que diz respeito à minha experiência enquanto estagiário, posso afirmar que desenvolvi competências, não só do ponto de vista profissional e académico, mas também ao nível pessoal. Foi um grande desafio conciliar a tarefa de treinador-adjunto e observador/analista. Ou seja, se por um lado tive que estabelecer uma relação mais próxima com os jogadores, enquanto treinador, por outro tive de me tentar abstrair e ser o mais objetivo possível enquanto desempenhava o papel de observador da própria equipa. Tive que me desafiar e sair da minha zona de conforto, adaptando sempre o meu trabalho e forma de pensar aos jogadores, à restante equipa técnica e até aos pais dos jogadores. Relativamente a estes últimos, tive necessidade de aprender a gerir a pressão exercida, uma vez que, por um lado existia a necessidade de “mostrar resultados”, por outro a preocupação de “formar” jogadores na sua globalidade, independentemente de terem mais ou menos capacidades. No final do meu trabalho enquanto treinador-adjunto, posso afirmar com orgulho, a certeza de que todos os meus jogadores evoluíram no aspeto individual, coletivo e pessoal.

Desportivamente, considero ter um maior conhecimento teórico/prático dos pressupostos necessários para ser um bom treinador de Formação. O trabalho em Formação de Futebol tornou-se mais específico no sentido que se foca no presente, nos resultados imediatos, mas também no futuro de possíveis de jogadores. Para tal, tive que ter em atenção as capacidades individuais de cada jogador e ao mesmo tempo o seu desempenho coletivo na equipa.

No que diz respeito à concretização deste relatório, devo confessar que se tornou um desafio quase tão grande como a realização do próprio Estágio. Inicialmente não consegui perceber a melhor forma de o estruturar, nem as temáticas a abordar ou o que incluir. Deste modo, os últimos meses foram dedicados à sua materialização, em simultâneo com o meu trabalho enquanto treinador e professor. Finda esta etapa, sinto-me orgulhoso por ter cumprido mais este objetivo.

Após o término desta etapa, o sentimento é de satisfação e de dever cumprido, com a convicção que dei sempre o melhor, tentando não defraudar as minhas expectativas e de quem me rodeava. No final deste Estágio, penso que estou melhor preparado para abraçar novos desafios no desempenho destas funções no futuro. Julgo ter atingido o objetivo ao qual me propus no início deste Estágio e deste relatório onde estão contempladas as tarefas e funções realizadas assim como uma reflexão crítica acerca das mesmas.

6.2. Perspetivas futuras

De modo generalizado posso dizer que as minhas perspetivas futuras passam por dar continuidade ao meu processo de aprendizagem na área do treino desportivo de Futebol, seja como treinador seja como observador/analista.

A curto prazo foi-me dada a oportunidade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido no estágio desta vez no escalão de Juniores B (Sub-17), assim como para desenvolver o departamento de *scouting* do Leixões Sport Club. Recentemente fui convidado para incluir um projeto de analista na Associação Desportiva de Fafe, para o plantel Sénior.

Estou convicto que os ensinamentos e a oportunidade facultada possam ter continuidade no desempenho futuro desta prática profissional. Não obstante anseio, ter a possibilidade de a médio e longo prazo experienciar vivências mais enriquecedoras num contexto com um grau competitivo mais elevado .

É meu objetivo de longo prazo tornar-me analista de uma equipa de Futebol sénior profissional de elite. Vou procurar concretizar este objetivo de uma forma progressiva e consciente das dificuldades relativas à competitividade nesta área.

7. Referências

- Bacconi, A. & Marella, M. (1995). *Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale*. In Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio - 1.o Convegno Nazionale A.I.P.A.C. Edi. Nuova Prhomos. Città di Castelo.
- Barreira, D. (2017). *Observação, análise e interpretação do jogo*. Comunicação apresentada na formação disponibilizada pela Bwizer.
- Bar-Yam, Y. (2008). *Introducing Complex Systems*. New England Complex Systems Institute, Cambridge, MA, USA.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Coleção Trajetos. Editora Gradiva.
- Bertrand, Y., & Guillemet, P. (1994). *Organizações: Uma Abordagem Sistémica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Borrie, A., Jonsson, G. & Magnusson, M. (2002). Temporal pattern analysis and its applicability in sport: an explanation and exemplar data. *Journal of Sports Sciences*, 20, 845 – 852.
- Brewer C, Jones R (2002). *A vestage process for establishing contextually valid systematic observation instruments: The case of rugby union*. The Sport Psychologist 16, 2: 138-159.
- Brito, J., Soares, J., & Rebelo, A. N. (2009). Prevention of injuries of the anterior cruciate ligament in soccer players. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 15(1), 62-69.
- Caldeira, N. (2001). *Estudo da relevância contextual das situações de 1x1 no processo ofensivo em futebol, com recurso à análise sequencial*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Carling, C., Williams, M. & Reilly, T. (2005). *Handbook of Soccer Match Analysis. A systematic approach to improving performance*. London: Routledge.

- Castelo, J. (2014). *Futebol. Métodos específicos de treino*. No prelo
- Carneiro, J. (2016). *O modus operandi de um Analista do Jogo de Futebol*. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Castelo J. (1994). *Futebol – modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: FMH-UTL.
- Castelo, J. (2009). *Futebol: organização dinâmica do jogo*. Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 3ª Edição.
- Changeux, J. (2002). *A Verdade e o Cérebro: O Homem de Verdade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Seabra, A. (2010). Influence of relative age effects and quality of tactical behaviour in the performance of youth football players. *International Journal of Performance Analysis in Sport.*, 10(2), 82-97.
- Cronbach L (1988). Five perspectives on validity argument. In: Wainer H, Braun H (ed.). Test validity. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 5-17.
- Campos, C. (2008). A Singularidade da Intervenção do Treinador como a sua «Impressão Digital» na... Justificação da Periodização Tática como uma «fenomeno técnica». Porto: C. Campos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Cunha e Silva, O. (1999). *O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dauids, K; Button C.; Bennett, S. (2008). Dynamics of Skill Acquisition A Constraints-Led Approach.
- Dias, C. (2009). *Análise Tática no Futebol: Estudo exploratório dos comportamentos táticos desempenhados por jogadores no campo relvado e no campo pelado*. Porto: Monografia de Licenciatura

apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Duarte, R. (2012). *Capturing Interpersonal Coordination Processes in Association Football: from Dyads to Collectives*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento no ramo de Motricidade Humana, na especialidade de Ciências do Desporto, apresentada à Faculdade de Motricidade Humana.

Frade, V. (2006). Apointamentos das aulas da disciplina de Metodologia I Opção de Futebol. FADEUP. Porto. Não Publicado.

Gaiteiro, B. (2006) *A ciência oculta do sucesso! – Moutinho aos olhos da ciência*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Galego, B. E. (2007). *Memórias e Glórias: Centenário do Leixões Sport Club 1907-2007*. Matosinhos: Leixões Sport Club e Leixões Sport Club, Futebol SAD.

Garganta, J. e Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça & J Oliveira (Eds), *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 97-137). Porto: CEJD/FCDEF-UP.

Garganta, J. (1996): *Modelação da dimensão tática do jogo de futebol*. In *Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos*. J. Oliveira & F. Tavares (Eds.) CEJD. FCDEF-UP.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. & Pinto, J. (1998). *O ensino do futebol*. In Graça, A.; Oliveira, J. (Eds), *O Ensino dos Jogos Desportivos*, pp. 95-135: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. & Gréhaigne, J.F. (1999). Abordagem sistémica do jogo de

- Futebol: moda ou necessidade? *Revista Movimento*, 5 (10): 40-50.
- Garganta, J. (2000). *Análisis del juego en el fútbol. El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos*. *Entrenamiento Deportivo*, XIV (2), 5 – 14.
- Garganta, J.; Cunha E Silva, P. (2000). *O jogo de futebol: entre o caos e a regra*. *Horizonte*, v.91, p.5- 8.
- Garganta, J. (2001a). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (1), 57-64.
- Garganta, J. (2001b). Futebol e Ciência. *Ciência e Futebol. Educación Física y Deportes. Revista Digital*, 40.
- Garganta, J. (2006). (Re) *Fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior*. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.20, p.201-03, set. Suplemento n.5.
- Garganta, J. (2008). *New trends of performance analysis in team sports. Bridging the gap between research, training and competition*. Conference presented to the Satellite Symposia of the European College of Sports Sciences: Sport Games Coaching and Performance. Lisboa.
- Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Especifico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica ensino aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Gil, A. (2002). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4a ed. São Paulo: Editora Atlas.
- Gowan, G. (1982). *A análise de jogo*. *Futebol em Revista*. No 11. 3ª Série.
- Gréhaigne, J.F. & Godbout, P. (1995). *Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective*. *Quest*, 47: 490 - 505.
- Hill MM, Hill A (2000). *Investigação por questionário*. 1a ed. Lisboa: Sílabo.

- Hughes, M. & Franks, I.M. (2004). *Notational Analysis of Sport - a Perspective on improving coaching* (2ª ed.). London. E. & F.N. Spon.
- Hughes M. & Churchill, S. (2005). Attacking Profiles of Successful and Unsuccessful Teams in Copa America 2001. In T. Reilly, J. Cabri & D. Araújo (Eds.) *Science and Football V* (pp. 219-224). London and New York. Routledge.
- Lebed, F. (2006). System approach to games and competitive playing. *European Journal of Sport Science* (6), 33-42.
- Lago, C. (2007). The Influence of Match Location, Quality of Opposition, and Match Status on Possession Strategies in Professional Association Football. *Journal of Sports Sciences*, 27:13, 1463-1469.
- Lobo, L. F. (2007). *Planeta do Futebol – Em busca da alma, dos magos e das táticas que fizeram historia*. Portugal: Prime Books Editora.
- Lopes, R. (2005). *O Scouting em Futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação do adversário*. Porto: Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- McGarry, T., Anderson, D.I., Wallace, S.A., Hughes, M. & Franks, I.M. (2002). Sport Competition as a Dynamical Self-organizing System. *Journal of Sports Sciences*, 20, 771-781.
- Oliveira, J. (1993). Prefácio. In J. Araújo. *Ser Treinador* (pp. 17-19). Lisboa: Editorial Caminho, S. A.
- Oliveira, J. G. (2006). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem do Jogo*. Dissertação de Mestrado. FADEUP.
- Oliveira, B. F. M. et al (2007). *Mourinho: por qué tantas victorias?* Espanha: MCSports.
- Pedreño, J. M. (2014). *Scouting en Fútbol - Del Fútbol Base Al Alto Rendimiento* (1ª edición ed.). Spain: Colección Preparación

futbolística: MCSports.

- Pinto, A. (2007): *Se não fosse para ganhar...A importância da dimensão táctica no ensino dos jogos de desportivos colectivos*. Campo das letras, Editores, S.A. ;2007.
- Prudente J, Garganta J, Anguera MT (2004). *Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto 4, 3: 49-65.
- Reilly, T. (1996). Introduction to science and soccer. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (1ª, pp. 1-7). London: E. & F. Spon.
- Ribeiro, P. (2009). *A observação como ponto de partida para uma análise pormenorizada das características das equipas adversárias. Relatório de Estágio Profissionalizante no Departamento de Scouting do Futebol Clube do Porto Futebol SAD*. Porto: Relatório de Estágio de Mestrado apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Rocha, J. (1996). *Scouting - A Realidade dos Sub-22*. Porto: Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Sánchez, F. (2015). *Qué esconde tu rival?*. Madrid: FDL.
- Santos, P. (2016). *O Planeamento e Periodização do Treino em Futebol. Um estudo realizado em clubes da Superliga*. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Sarmiento, J. P. (2005). *Pedagogia da Observação em Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Sarmiento, H. (2012). *Análise do jogo de futebol – Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Tese de doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Silva, P. (2006). *A Análise do Jogo de Futebol, Um Estudo Realizado em Clubes da Liga Betandwin.com*. Lisboa: Dissertação de Mestrado

apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Soares, J. (2009). *O treino do Futebolista: Lesões – Nutrição*. Porto: Porto Editora.

Tamarit, X. (2013). “Periodización Táctica vs Periodización Táctica – Vítor Frade aclara”. Espanha: MBF.

Terwee C, Bota S, Boera M, Van der Windt D, Knola D, Dekkera J, Bouter L, Veta H (2007). Quality criteria were proposed for measurement properties of health status questionnaires. *Journal of Clinical Epidemiology* 60: 34-42.

Vázquez, A. V. (2012). *Fútbol. Del análisis del juego a la edición de informes técnicos*. Colección Preparación Futebolística: MCSports.

Van Lingen, B. (1999). Analysis of the Opposing Team. In H. Kormelink; T. Seeverens (Eds.), *Match Analysis and Game Preparation* (pp. 25-35). Pennsylvania: Reedswain.

Ventura, N. (2013). *Observar para Ganhar - O Scouting como Ferramenta*.

Wooden, J. (1988). *Practical Modern Basketball*. New York: McMillan Publishing Company.